

O espaço urbano enquanto contexto específico de dinamismos associativos: o caso das freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira

**Helena Vilaça
Paula Guerra**

Enquadramento

As associações culturais no concelho de Matosinhos são o objecto de análise deste artigo, onde se procura dar conta das principais características do tecido social associativo do município.

Sucintamente, a história desta pesquisa teve início em 1995 e, nessa medida, terá de ser lida à luz das dinâmicas associativas existentes à data. Enquadrou-se no âmbito de uma encomenda de requisitos sociológicos por parte do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos. Desse modo, os eixos analíticos, delineados para a realização do trabalho, resultaram de um exercício de reflexão partilhado com os responsáveis daquele Pelouro¹ que, por força da gestão quotidiana da intervenção cultural autárquica, se aperceberam da pertinência de um estudo aprofundado acerca do associativismo na sua vertente cultural-recreativa.

Os objectivos que estabeleceram o fio condutor do trabalho resultaram, assim, de um cruzamento de perspectivas: de um lado, o necessário, porque

O estudo contou com o apoio do Vereador do Pelouro da Cultura, Dr. José Manuel Dias da Fonseca, da Dra. Cristina Pacheco e, principalmente, do Dr. Ricardo Lima, cuja presença foi uma constante ao longo de todo o trabalho.

inevitável, pragmatismo autárquico; do outro, o desafio de um trabalho de terreno que procurou testar algumas hipóteses teóricas produzidas nestas temáticas. Em traços gerais, esses objectivos podem ser sistematizados do seguinte modo: 1) levantamento e análise, de forma detalhada e precisa, das associações com actividades ligadas ao domínio cultural dentro do concelho de Matosinhos; 2) identificação das principais características, condicionamentos e possibilidades de actuação e intervenção das associações das freguesias do concelho; 3) enunciação de um conjunto de indicadores relevantes, passíveis de produzirem instrumentos úteis a virtuais acções de iniciativa do poder local, contribuindo para que este possa responder mais adequadamente às necessidades e aspirações, quer das associações, quer dos públicos que estas pretendem dinamizar.

O concelho de Matosinhos, por razões que se prendem com factores histórico-sociais, em boa medida determinados pela sua inserção na segunda Área Metropolitana do país, é composto por uma rede de freguesias, em alguns casos, contrastantes. Procurando aferir as suas afinidades e contrastes, do mais urbanizado ao menos urbanizado ou mesmo rural, agregámos, em termos da análise, as freguesias do concelho do seguinte modo: primeiro, Matosinhos e Leça da Palmeira; segundo São Mamede de Infesta, Senhora da Hora, Leça do Balio e Custóias; terceiro, Lavra, Perafita, Santa Cruz do Bispo e Guifões. O relatório original foi assim dividido em três partes, segundo critérios de homogeneização, perspectivados segundo uma óptica territorial². O presente texto confina-se ao primeiro tipo, o do espaço mais urbanizado, contemplando apenas Matosinhos e Leça da Palmeira.

O estudo foi orientado para uma análise em profundidade visando, tão exhaustivamente quanto possível, dar conta da diversidade de casos existentes ao nível das associações culturais³. Todavia, e devido a motivos que se prendem, principalmente, com a dificuldade de contactar com algumas associações ou com a indisponibilidade dos seus dirigentes em conceder entrevista, não foi possível esgotar a totalidade da rede associativa de modo a atingir a desejada exaustividade.

² A informação foi recolhida nas dez freguesias do concelho, entre Junho de 1995 e Julho de 1996, através de entrevistas semi-directivas aos dirigentes associativos, complementadas com técnicas de observação directa e com análise documental, quando disponível. Para a aplicação destas entrevistas, contámos com a colaboração dos sociólogos Felícia Luvumba e José Paquete Pereira. *J*

³ Convirá referir que nem todos os casos tratados se categorizam dentro da forma jurídica de associação.

No sentido em que a unidade de análise do nosso estudo são associações e devido ao facto de as suas acções serem entendidas pelos respectivos protagonistas como actividades culturais - mesmo quando estas são predominantemente desportivas ou de carácter social - centrámo-nos nos seus percursos e funções de mediação⁴, partindo de um sentido lato de cultura, conscientes de que o que aqui está em jogo é, maioritariamente, a "cultura" representada, produzida e transformada por actores sociais diversos, através das suas práticas e apropriações culturais quotidianas. Assumimos que, mais do que as acções, em sentido estrito, privilegiámos os actores. Mais do que a enunciação de programas de actividades e de agregados estatísticos, procurámos apercebermo-nos dos "processos de interiorização, apropriação e reinterpretação de estratégias, produzidas ou difundidas" pelos protagonistas⁵.

1. A construção de espaços múltiplos e cruzados

«As duas freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, no concelho de Bouças, distrito do Porto, são erectas em vila com a denominação de Vila de Matosinhos (...). A capital do concelho de Bouças, ora existente na vila do mesmo nome, é transferida para a freguesia de Matosinhos, elevada à categoria de vila.»
(Alvará de 20 de Março de 1853, de D. Maria I)

Os espaços múltiplos e cruzados de Matosinhos vão ser apresentados como peças de um *puzzle* a construir, admitindo que este território tem sido perpassado por dinâmicas de continuidade e de descontinuidade a nível espacial, social e cultural. Da mesma forma, e como na apresentação deste texto foi dito que os critérios orientadores da arrumação das freguesias obedeciam a uma lógica territorial, tentaremos equacionar o território e as suas diversas metamorfoses como constructo identitário do concelho.

Nesta abordagem, não se pretende utilizar a dicotomia ultrapassada *cidade/campo*, ideais-tipo de todo inadequados ao espaço em análise, mas

⁴ Justificamos a utilização do conceito de "mediação" com base na defesa que Albert Meister (1972), na linha de Max Weber, faz acerca da necessidade de uma sociologia que estude as associações como "instituições intermédias" - entre o Estado e a sociedade civil -, analisando a sua origem, os seus objectivos e os seus membros.

⁵ Adoptámos o mesmo procedimento teórico-metodológico que A. Santos Silva e Helena Vilaça (1990) in *Searas de Jeremias*, Porto, CR AT, utilizaram para o estudo das associações de artesanato. Conferir *o.c.*, p. 166.

antes partir do conceito de urbanização para evidenciar as várias incidências "dos modos de territorialidade nas formas sociais de troca e de estruturação das relações de força" (Rémy e Voyé, 1994: 13).

Situando a questão. Ao longo do processo de urbanização, podemos considerar a cidade como palco de apropriações diferenciadas por parte dos diversos agentes sociais que nela foram interagindo, daí resultando uma multiplicidade de expressões simbólicas heterogêneas e, assim, descontinuidades espaço-sociais (Guerra, 1992: 145). Aliás, e neste sentido, o termo cidade acarreta uma boa dose de ambiguidade sendo, simultaneamente, um conceito descritivo, na medida em que remete para a materialidade de uma realidade concreta e um conceito interpretativo, no sentido em que as funções que nela têm lugar são diferentes das funções de outra realidade (Rémy e Voyé: 13).

Enquanto conceito descritivo, a cidade evoca o domínio do construído sobre o não construído, a densidade populacional e do *habitat*. Pode ter elementos da natureza, mas essa natureza não estrutura por si só a cidade (Idem: 14). É, por excelência, o lugar onde os vários grupos, embora permanecendo distintos uns dos outros, encontram entre si possibilidades múltiplas de coexistência e de trocas mediante a partilha legítima de um mesmo território, o que não somente facilita os contactos programados, mas principalmente multiplica as hipóteses de encontros aleatórios e favorece o jogo das estimulações recíprocas. Lugar a partir do qual se estrutura o campo das actividades sociais, a cidade também confere uma dimensão sistemática à cultura regional circundante; podendo ser também, pelo contrário, em certos momentos, um lugar de ruptura e de inovação (Ibidem: 14-15).

1.1. A emergência de um espaço plurifacetado

A acelerada transformação desta *aldeia de pescadores e lavradores* - relativamente estagnada entre o séc. XVI e meados do séc. XIX - é um dos processos mais interessantes de evolução urbana de todo o chamado Grande Porto⁶. A identidade sócio-espacial matosinhense permaneceu desde sempre em evolução constante num progressivo processo de criação, recriação e descoberta⁷.

⁶ Tal como referem alguns estudiosos, entre os quais Helder Pacheco(1986), *O Grande Porto*, Porto, Ed. Presença.

⁷ Cfr. Marie Eliou(1979), "Érosion et permanence de l'identité culturelle", in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXVI.

Em termos económicos, o concelho sustentava-se fundamentalmente da pesca/navegação⁸ e da agricultura, praticadas ambas em moldes tradicionais (Pacheco, 1986). A produção agrícola era essencialmente cerealífera e é de destacar "o papel que já naquela altura o concelho desempenhava como um dos centros abastecedores da cidade do Porto", sendo isso revelado por uma "relativa especialização de culturas" (Cordeiro, 1989: 10).

O perfil económico do concelho foi, até finais do séc. XIX, pouco desenvolvido e marcado pela utilização de uma tecnologia tradicional e de carácter rudimentar. Em síntese, "uma economia auto-suficiente, apresentando características nitidamente pré-industriais" (Idem: 10). Se em termos económicos o concelho não apresentou até finais do séc. XIX uma dinâmica relevante, em termos culturais e lúdicos a sua afirmação vinha a ser feita já desde tempos remotos através da Romaria do Senhor Bom Jesus e da Feira da Louça que lhe andavam associadas.

A acrescentar à popularidade das festas, a consolidação do perfil cultural e lúdico de Matosinhos emerge ainda com a 'moda dos banhos'. Consequentemente, e num fundo eminentemente rural e piscatório, Matosinhos e Leça⁹, vêem-se mudadas social, física e culturalmente, prefigurando-se como estâncias balneares para a burguesia portuense, insatisfeita com os exíguos espaços oferecidos para recreio e lazer nessa altura. Remonta a esta época o primeiro surto de modernização arquitectónica motivado pela construção de casas de veraneio. Nessa mesma altura, e porque os fluxos populacionais assim o exigiram, as velhas estradas começavam a não ter capacidade de resposta face à afluência às docas e às praias.

O crescimento populacional vai ser uma força motriz de todo o processo de desenvolvimento económico, social e cívico deste espaço, tendo sido particularmente importante nas últimas décadas do séc. XIX e nas primeiras do corrente século.

As peças do *puzzle* vão começar a encaixar-se não sem contradições e

8 Tal como refere Lopes Cordeiro "a actividade piscatória apresentava um carácter subsidiário da principal ocupação marítima dos habitantes do concelho que, naquela época, era a navegação", in J. Lopes Cordeiro(1989), *A indústria conservara em Matosinhos - Exposição de Arqueologia Industrial*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, p. 9.

9 Especificamente, em relação a Leça da Palmeira, e para um maior aprofundamento consultar Alexandra Cerveira Pinto Lima, Paulo Dordio Gomes, Manuel Araújo (1996), *A Casa de Santiago em Vila Franca - Leça da Palmeira no final do século XIX*, capítulo 2, Porto, Câmara Municipal de Matosinhos/Ed. Afrontamento.

rupturas, e a partir de inícios do séc. XX o concelho é marcado pela existência de traços identitários diferenciados e coexistentes: o traço urbano e o traço industrial; as praias, o veraneio e a ruralidade.

Finalmente, embora a vila de Matosinhos fosse constituída pelas freguesias de Leça da Palmeira e de Matosinhos, entre ambas começaram a evidenciar-se diferenças profundas, que hoje se cristalizaram em traços identitários diferenciados do ponto de vista espacial e social: "uma desenvolveu-se a partir do turismo, da vilegiatura, da praia; outra da pesca, das indústrias e das docas" (Pacheco, 1986: 130).

1.2. O actual perfil urbano de Matosinhos

Se hoje a cidade não equivale à industrialização - porque esta está na generalidade fora do seu perímetro -, tal não implica que a multiformidade espacial e social que a caracteriza actualmente não dependa da industrialização e das suas sucessivas inscrições espaciais.

O grande desafio que se coloca hoje à cidade é o de ter capacidade de controlar as tendências de uma cada vez maior desagregação sócio-espacial, fazendo emergir uma cidade recortada, onde parece cada vez mais difícil recompor uma unidade urbana integrada (Guerra, 2000).

Chegados a este ponto, podemos problematizar quais são os factores identificativos e constitutivos da cidade de Matosinhos actualmente: é uma importante concentração geográfica de população de forma permanente e estável. Concentra uma multiplicidade de actividades e funções de ordem económica, social, cultural, política e religiosa. Constitui local de inovação (Peixoto, 1990: 98-101) e de progresso técnico, intercâmbio de ideias e de informação.

O surgimento de mobilidades passa a ser condição de adaptação e de participação na vida urbana. As principais facetas da mobilidade são: deslocações quotidianas para o emprego e para a escola, deslocações para as compras e mobilidade inter-urbana para uma outra cidade em função das especializações de outras cidades e da sua hierarquização (Rémy e Voyé, 1994:74).

A partir dos anos 60 e até finais da década de 70, novas peças se vão encaixando neste *puzzle*. Ainda local de veraneio, de industrialização rápida e acelerada, de lavoura e agricultura de pequena e média dimensão, Matosinhos, face a crescentes processos migratórios do interior para o litoral

do país, vai ser chamado a desempenhar outro papel: o de se assumir, enquanto *alternativa habitacional* ao Porto, como cidade.

A sua afirmação como cidade passa, em boa medida, pelo incremento da construção em altura sob formas jurídicas mais ou menos inovadoras à época - as cooperativas. A esse propósito, Teresa Barata Salgueiro refere que nos últimos anos "a autarquia tem procurado melhorar a imagem de subúrbio-cidade, bem como as condições de vida da sua população. Neste domínio é de salientar a política fundiária adoptada, como o importante apoio dado às cooperativas de habitação e a promoção da auto-construção, em paralelo com o combate a loteamentos clandestinos" (1992: 291). O dinamismo do concelho é ainda evidente pelo seu dinamismo populacional, pois Matosinhos tem vindo a ganhar população a um ritmo impensável desde há duas décadas atrás.

Hoje em dia, o *encaixe de Matosinhos no puzzle metropolitano* parece ser o derradeiro desafio colocado ao concelho. Herdeiro de continuidades históricas pesadas, o concelho está neste momento a *negociar* o seu lugar dentro da Área Metropolitana do Porto. A sua proximidade ao Porto e a falta de equipamentos culturais exerce sobre Matosinhos forças centrífugas que tendem a diluir a sua identidade, dificultando-lhe a sua consolidação enquanto *espaço de referência cultural e simbólica*.

Assim, a afirmação identitária do concelho terá de passar por uma oferta cultural autónoma, qualificada, alternativa e complementar em relação ao Porto. A reconstrução identitária em curso, *processo dinâmico e em construção*, terá de apostar na vivacidade juvenil como alicerce fundamental desse processo. Esta reconfiguração, como é necessariamente dialéctica, pressupõe a criação de uma consciência viva em torno da história do concelho, reavivando fluxos de memória colectiva, pois, o reforço identitário implica a actualização presente de um passado.

Sucedaneamente, a sua reconstituição identitária passa e irá cada vez mais passar pela aposta na requalificação territorial e social, nomeadamente, *na edificação de equipamentos e estruturas culturais*.

Desta forma, a cidade, cada vez mais, é pensada como *lugar de troca e de identificação*. *Complexificação, diversificação, fluxos e funções* (Roncayolo, 1990) parecem ser as traves-mestras do desenvolvimento urbano actual do concelho. E mesmo aqui, a gestão da cidade actual deve ter em linha de conta que o seu cerne será a busca de coesão sócio-espacial, na medida em que "a acção humana tende a ser regulada por quadros de sentido e de referência" (Silva, 1994a: 23). Do mesmo modo, esse derradeiro desafio

colocado ao concelho, terá como eixo de referência, a cultura, na sua *polivalência e multivariabilidade*, como elemento fundamental de coesão sócio-espacial¹⁰.

Na óptica dos seus habitantes, a cidade converte-se num sistema que configura um pequeno universo no qual se desenrolam as actividades e as manifestações dos seus habitantes. Em geral, as cidades concitam uma filiação sentimental definidora de identidades colectivas. O espaço, embora não determine as práticas dos actores sociais, vai condicionar e influenciar as suas opções e acções quotidianas, no sentido em que se transforma numa referência cultural dos indivíduos.

Por isso, num trabalho onde o tema é o associativismo e as realizações culturais, a ele ligadas, torna-se imprescindível uma digressão, ainda que sucinta, pelos lugares e territórios das práticas associativas. Existe sempre uma percepção subjectiva e experiencial da cidade que provoca visões e compreensões diferenciadas, *múltiplas e cruzadas*.

2. Associativismo e participação: percursos e relacionamentos

2.1. Participação e cidadania

O surgimento e a institucionalização de formas associativas empenhadas na actuação do campo lato do cultural têm sido objecto de atenção por parte dos poderes autárquicos, conscientes da importância do papel das associações voluntárias e das colectividades na nossa sociedade.

A *modernidade tardia*, tal como Giddens (1990) designa o momento actual, tem vindo a produzir uma multiplicidade de grupos geradores de pertenças e de papéis, também eles múltiplos - aos quais o indivíduo é livre de aderir ou de abandonar - em virtude do poder exercido pelo grupo nunca ser total, mas segmentado.

Dentro da tradição sociológica¹¹, estes grupos surgem na sequência de

¹⁰ A este respeito, Maria de Lourdes Lima dos Santos tece importantes considerações em "E a cultura como vai?...?" in V.V.A.A.(1995), *Portugal hoje*, Lisboa, Instituto Nacional de Administração.

¹¹ Podemos citar a título exemplificativo os trabalhos de E. Durkheim (1989), *A divisão social do trabalho*, Lisboa, Presença, G. Simmel, "Metrópole e vida mental", in Octávio Velho (org.) (1967) *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar e A. Tocqueville (1981), *De la démocratie en Amérique*, I e II, Paris, Flammarion.

uma sociedade em desagregação onde urge reforçar ou criar novas redes de solidariedade que não serão estabelecidas nem pela família nem pela religião, sendo as associações uma alternativa possível.

As associações assumem um papel vital em termos de reestruturação das redes de sociabilidade local, paralelas, ou em alternativa às instituições tradicionais como a família, a igreja ou a comunidade local. Estas instituições entraram em decadência face ao individualismo e narcisismo crescentes, à divisão social do trabalho e à alteração do quadro dos valores, à sua inadequação aos novos tempos e à desorganização e complexificação da vida social, sob os efeitos exponenciais da urbanização e da reconfiguração territorial.

Enquanto grupo organizado de pessoas, as associações constituem-se no sentido de satisfazer os interesses comuns dos seus membros, os quais aderem a elas por vontade própria e nunca por transmissão ou direito adquirido por nascença. As associações existem independentemente do Estado, consistindo nisto a sua particularidade e demarcação das corporações - cuja origem remonta ao período da Antiguidade -, uma vez que aquelas resultam de um direito democraticamente instituído e não de uma conveniência ou de um privilégio concedido pelo Estado (Sills, 1972: 362-363).

O fenómeno associativo confina-se, assim, ao contexto das sociedades democráticas, devido a dois aspectos fundamentais: a vontade do Estado em tolerar, no sentido de aceitar as associações, o que é fundamental para a manutenção das liberdades civis; e o direito de os indivíduos livremente se associarem.

Certamente que as associações de hoje, pouco têm a ver com as associações do século XIX e primeiras décadas do século XX, da mesma forma que, do ponto de vista histórico-geográfico, as associações voluntárias na América são diferentes das europeias e, dentro deste continente, teremos de distinguir, ainda, os países de longa tradição democrática daqueles que passaram pela experiência de regimes ditatoriais.

Todavia, podemos dizer que, uma vez indissociável dos dois grandes acontecimentos da modernidade - a Revolução Industrial e a Revolução Francesa -, o associativismo está imbricado no movimento operário e no movimento de emancipação burguês e, tal como estes movimentos se alteraram no interior de si mesmos, também o associativismo é um processo de diversas fases. Genericamente, uma das facetas comuns aos primórdios do associativismo diz respeito ao desejo dos indivíduos se identificarem sócio-

profissionalmente: dantes, o operário orgulhava-se de o ser e o seu vestuário era, ele mesmo, identitário da classe de pertença e verificava-se uma procura de espaços socialmente conotados¹² - caso das colectividades e associações operárias, as quais, frequentemente, incluíam na sua designação a palavra "operário". Hoje, essa vontade de identificação profissional ou de classe não é mais perceptível. Em parte, porque o fenómeno de ocultação social (e sócio-profissional) se liga a uma tentativa de ocultação ideológica. Daí, o desaparecimento de lugares ideologicamente marcados. Passou-se, do orgulho e do reconhecimento pela diferença, à vontade de verosimilhança, diluição de identidade, o parecer-se com toda a gente. Isto terá consequências ao nível da procura dos espaços sociais que proporcionam anonimato, como os centros comerciais, e a "ilusão de igualdade" (Rémy e Voyé, 1994: 121). A valorização dos espaços sociais ideologicamente neutros reproduziu-se, igualmente, ao nível do associativismo, que cada vez mais aglutinou fracções da classe média assalariada, constituídas por indivíduos mais escolarizados e auferindo níveis de rendimentos mais elevados. Heterogeneidade da base social, objectivos e lutas delineados em torno de questões que se autonomizaram dos tradicionais conflitos sociais e políticos (Vilaça, 1993: 58) constituem algumas das características do novo associativismo.

De igual modo, os objectivos dos agrupamentos voluntários sofreram alterações, passando hoje a incorporar novas temáticas, tais como: a defesa do meio ambiente, a preservação dos centros históricos, a defesa do consumidor, a juventude, os direitos da mulher, a identidade local, a gestão dos tempos livres..., temas mais centrados na esfera da reprodução social e cultural (Habermas, 1987: 432) do que na produção, área que é essencialmente balizada em problemas de redistribuição e de conflitos classistas, protagonizados pelos tradicionais interlocutores das democracias representativas: os partidos e os sindicatos.

Apesar do incremento do número de associações não se encontrar na relação directa do envolvimento dos seus sócios, o associativismo deverá ser entendido como uma via de participação social e cívica. A dinâmica associativa traduz uma "procura generalizada de participação", procura que constitui a "pedra de toque" do associativismo no mundo actual, e ocupa, segundo Mehl (1982: 30) "um lugar original no sistema político-social". Cumpre questionar se será ele uma das vias possíveis de reestruturação das

¹² Sobre a procura e valorização dos espaços, ver Rémy, Jean e Voyé, Liliane (1994), *Cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto, Afrontamento, pp. 120-121.

redes de cooperação e de cidadania e de que forma essas redes poderão ser reconvertidas em estruturas solidárias.

2.2. Associações, redes territoriais e poder local

Como atrás foi referido, os agrupamentos tradicionais da época industrial (sindicatos e partidos) já não dispõem da força ou do sentido de outrora, nem correspondem aos interesses da grande maioria dos cidadãos. Hoje, a possibilidade do grupo, do projecto, da acção, surge, cada vez com maior incidência, no âmbito do território, entidade que adquiriu um sentido mais abrangente, aliando localização e fronteiras geográficas à população que ocupa o seu espaço, à cultura de que esta é portadora e ao modo como se organiza socialmente (Rodrigues, 1993: 25). E, no intercâmbio gerado pela conjugação destes elementos, vai-se prefigurando uma rede, que traduz novas possibilidades de (re)criação e de inovação, por sua vez, perceptíveis em novos interesses e reivindicações, outros gostos e outros valores e na procura constante de alternativas diversas.

O território é um protagonista fundamental da história. O território é o espaço privilegiado para o agrupamento - especialmente o território/bairro. É aqui que surgem, normalmente, a maioria dos projectos e das propostas, iniciativas para otimizar a qualidade de vida pessoal, urbanística, política ou cultural. E, no território, as associações são "o ser alguém com", o estar vivo, o estar junto, porque se tomou consciência, a partir do imperativo da organização desse território, da necessidade de construir redes de diálogo e de participação.

No caso português, se recordarmos que durante meio século a liberdade de associação e de expressão foi reprimida, compreendemos as condições favoráveis de que o 25 de Abril foi portador para o despoletar de associações voluntárias de tipo diverso e para a legalização de agrupamentos pre-existentes mas desprovidos de enquadramento jurídico-legal.

A animação sócio-cultural esteve presente em quase todos os movimentos populares, abarcando as mais diversas dimensões da vida quotidiana. Neste quadro, o associativismo vai constituir um veículo, por excelência, para a prossecução de um leque variado de práticas culturais¹³, apropriando um sentido amplo de cultura, o qual abarca não apenas formas de

¹³ Por razões que se prendem com os objectivos do trabalho em curso, não problematizamos nem desenvolvemos, aqui, o conceito de cultura que subjaz a estas práticas sociais.

produção cultural erudita mas, principalmente, formas de cultura popular, estas últimas quase hegemónicas no contexto que vimos a descrever. A animação sócio-cultural teve e tem um papel crucial na motivação, estruturação e dinamização dos grupos civis e, para além disso, constitui um dos eixos definidores da própria qualidade de vida, pois esta não é determinada unicamente por indicadores relacionados com infra-estruturas.

A animação do pós-25 de Abril não se confinou a modalidades informais e espontâneas, nem tão pouco se circunscreveu ao campo associativo, tendo sido progressivamente apropriada e formalizada pelos organismos das administrações central e local. Os pelouros da cultura, então criados ao nível das câmaras municipais e das juntas de freguesia, são exemplificativos desse novo conjunto de preocupações e é nesse âmbito que as associações de carácter territorial (colectividades culturais e recreativas e desportivas, entre outras) são eleitas como um dos interlocutores privilegiados.

Apesar do actual contexto favorável ao exercício do poder local, as relações entre o Estado e os organismos autárquicos têm sido pautadas, não raras vezes, por clivagens e ambiguidades que reflectem bloqueios de carácter estrutural, acabando as autarquias por funcionar frequentemente - pelo menos ao nível dos discursos e das representações sociais da população - como uma espécie de instituição intermédia entre o poder central e os cidadãos em geral.

O poder local passou a concentrar cada vez mais competências, estando delas dependentes as populações. As associações, enquanto redes informais de poder difuso, "ou carecem", segundo Fernandes (1993: 8), "de capacidade suficiente para se afirmarem, ou tendem, não raro, a serem pouco 'autárquicos', inserindo-se em redes mais alargadas de relações, nacionais e internacionais". A gestão autárquica torna-se disfuncional quando não considera a pluralidade de situações no campo associativo (Silva e Vilaça, 1990: 165) nem procede à sua reavaliação analítica, ambos os aspectos correlativos de intervenções, também elas diferenciadas.

Esta interacção - entre associações e poder local - nunca é isenta de conflitualidades múltiplas e a tarefa de "intensificar a participação das populações na vida administrativa local" (Constituição, n. 1, artº 264º) vê-se, deste modo, adiada. Tal constatação sugere-nos que o conjunto de obstáculos, que quase paradoxalmente se interpõe ao nível de representados e representantes, só poderá ser combatido e ultrapassado mediante um conhecimento profundo das várias componentes da realidade social em que os actores se inscrevem e se interrelacionam.

3. Para uma tipologia do tecido associativo de Matosinhos e Leça da Palmeira

3.1. Afirmações identitárias

O espaço funciona como matriz cultural de um território comum sendo, por isso, o quadro, por excelência, dos gestos e dos discursos. Neste texto, dedicado à explanação das principais dinâmicas associativas das freguesias de Leça da Palmeira e de Matosinhos, optámos por aglomerar todo um conjunto de expressões associativas que perpassam este espaço cristalizando mais profundamente as memórias. Dito de outra forma, hipoteticamente, e dada a sua implantação cronológica, serão estas as associações mais importantes no traçar de uma *rede de memórias associativas* de ambas as freguesias no sentido em que: "a memória opera a ligação entre o presente e o passado, fonte de segurança pela própria continuidade subjacente" (Sobral, 1995: 293). As redes de memórias tendem a ser diversificadas consoante os factos que as originaram e os sujeitos que lhe estiveram associados, por esse motivo iremos dar relevância à diversidade destas redes.

Primeira memória. Memória não cristalizada no tempo.

Diz respeito a um associativismo popular, com origem em meados do século passado, animado por influências quer do liberalismo quer do movimento republicano (Viegas, 1986: 103 e 106). Situamos aqui a *Associação Recreativa Aurora da Liberdade*. Tendo nascido, em 1906, num momento de efervescência social e política e adoptado um nome apropriado a esse contexto, moveu-se por preocupações de reforma social e política procurando promover a melhoria de condições do operariado nomeadamente no que diz respeito à área do não trabalho¹⁴.

Fundada por "gente nova, operários, artesãos...", o teatro foi a sua primeira grande esfera de actuação. Aliás, essa memória cristalizou-se e renovou-se até ao momento actual. A comprová-lo está a organização anual de um Festival Amador de Teatro da Cidade de Matosinhos. Presentemente, o teatro continua a ser a actividade que mais atrai o público, podendo mesmo

¹⁴ Tal como refere o dirigente entrevistado, "o contexto social e político da época está por trás de todos os grupos que nasceram na altura (...) estava-se no termo da monarquia e os movimentos sociais eram do pós revolução francesa (...) o nome "Aurora da Liberdade" tem a ver com isso (...) um tempo em que se aspira por novos ventos".

dizer-se que, enquanto- actividade de produção cultural tem continuado a fornecer motivações aos seus actores e participantes para actividades futuras.

A adaptação da associação ao longo dos tempos é inclusivamente uma marca indelével da sua caracterização. Nos anos 60, fundou-se o grupo de música "Os Titãs"¹⁵ que marcaram a "época de ouro" da Associação. Neste período, a Aurora da Liberdade concorria aos festivais do SNI (Secretariado Nacional da Informação), trazendo para a freguesia um enorme conjunto de prémios. Esta foi uma época que marcou decisivamente a Associação porque conseguiu transpor as portas de Matosinhos, projectando-a a nível nacional. A constante reactualização de actividades vai continuar a processar-se com a constituição de uma banda de música, a "Banda do Cidadão", e o incremento do coleccionismo no âmbito da filatelia, numismática e medalhística - actividades particularmente em voga nos anos 70 em Portugal.

Seria importante referir o facto de ao longo dos anos surgirem sempre actividades renovadas de acordo com um princípio orientador da própria Associação que é o de afirmá-la como "um espaço que abranja uma gama variada de actividades". A direcção considera que existe uma grande participação associativa quer nas actividades, quer nas eleições. O número de sócios ronda os 1000 indivíduos e isto "porque as instalações disponíveis não permitem abrir mais inscrições". Estamos perante um processo claro de identificação de algumas franjas da sociedade civil em torno de actividades culturais propostas por um actor associativo (Pinto, 1991: 218).

A necessária adaptação a novos valores e a novas referências tem sido, neste caso, o principal factor de vivificação da rede de memórias (não cristalizadas) desta associação. Por isso, neste momento, perspectiva-se a construção de uma nova sede social e a remodelação da sala, actualmente existente, para espectáculos de teatro. Em termos de conquista de novos públicos, são empregues modernas tecnologias de difusão. Assim, recorrem à divulgação das suas actividades em cartazes, jornais e rádios locais.

Segunda memória. *Memória cristalizada no tempo.*

Em 1886, surgia em Matosinhos a *Banda Matosinhos-Leça* dentro de um quadro de desenvolvimento das duas freguesias marcado pela maior concentração de actividades lúdicas e recreativas. Neste contexto, a música, enquanto expressão artística, foi de alto relevo como pólo de concentração de

¹⁵ Uma clara alusão aos potentes "monstros" que ajudaram a construir o porto de Leixões.

talentos e de figuras históricas destas freguesias. A Banda chegou a fazer digressões pelo país e pelo estrangeiro. Os bailes que realizava aos domingos eram muito concorridos e afamados. Hoje, a Banda cristalizou-se na memória do passado. A actividade artística em torno da música é inexistente. A sede está aberta unicamente para continuar a servir de espaço de convivialidade lúdica e recreativa para os sócios. O dominó, as cartas e os sorteios são as actividades, actualmente, mais frequentes.

Se a cristalização do passado tem acontecido na Banda em virtude da não existência da prática musical, o mesmo parece ter acontecido em termos de lideranças e chefias associativas. Não há qualquer programação de actividades ou mesmo reuniões, o próprio presidente da direcção raramente vem à colectividade. A actividade associativa concentra-se em torno de 450 pessoas, dos quais só 300 pagam as cotas. A última hipótese de sobrevivência da Banda parece ser a sua transformação em Escola de Música, mas os esforços feitos em prol disto não têm tido receptividade interna e externa à colectividade. A Banda atravessa um período de fragmentação directiva e institucional, o que parece não ser propício à afirmação de projectos renovados em torno da música.

Em termos de intencionalidade discursiva, considera-se que hoje o voluntarismo e a "carolice" não acontecem de forma espontânea e vivaz, há que ter em linha de conta interesses não puramente desinteressados: "antigamente, os músicos vinham para cá, e tocavam por umas sandes e cerveja, e iam para qualquer lado (...) agora não se faz nada sem dinheiro". A adesão (principalmente juvenil) é hoje mais exigente e a Banda tem que enfrentar a emergência de uma cultura juvenil urbana, polarizada nos *media* que leva à "explosão de expressões públicas de sociabilidade, conduta e consumo juvenil"¹⁶ com intenções e temáticas pouco compatíveis com o que é actualmente oferecido por esta Associação. Paradoxalmente, ao contrário do que acontece em muitas colectividades, os instrumentos e as fardas estão em bom estado de conservação. O que se tem deteriorado são as mesas, as cadeiras e o televisor - exactamente o mais fácil de renovar em termos económicos.

No caso da *Banda de Matosinhos-Leça* é apropriado referir, a seu propósito, o seguinte: "recordar transporta-nos para outro tempo e, deste

¹⁶ Cfr. A. Santos Silva(1995), "Políticas culturais municipais e animação do espaço urbano. Uma análise de seis cidades portuguesas", in *Cultura & Economia*, Lisboa, I.C.S., p. 261.

modo, para outro lugar. É nisto que reside o perigo da memória. Se o tempo é um lugar, o passado é uma terra distante e o nosso receio, uma fuga com o outro e a diferença. Esta, por sua vez, é uma fuga ao encontro connosco próprios" (Fortuna, 1995: 228).

Terceira memória. *A memória luta contra a cristalização no tempo.*

"Por iniciativa do nosso jornal, vai organizar-se na nossa terra um orfeón, que tomará o seu nome. Não se trata de uma iniciativa apertada, mesquinha, trata-se de um projecto grandioso e sublime".

in *O Badalo*, 21 de Janeiro de 1917

Assim, nasce em 1917 o *Orfeão de Matosinhos*. Surge como empreendimento musical de alta relevância, desde logo associado também a objectivos beneficentes de apoio a casas de caridade e à "miséria". Desta feita, o apoio social vai ser uma das suas grandes "pedras de toque", dando apoios e donativos à Creche de Santa Maria de Matosinhos, às famílias mais carenciadas de pescadores, à Santa Casa de Misericórdia e ao Hospital de Matosinhos. Na sequência de tais acções, em 1938, obteve o Grau Oficial de Ordem de Benemerência.

Embora tenham passado, ao longo da sua longa história, por momentos altos e baixos em termos de dinamismo e de lideranças, a presença do Orfeão continua a ser uma constante neste território não só em relação a uma memória passada gloriosa, mas também a um presente que se vai tentando adaptar e moldar a novos gostos e valores. Ainda em 1995, fizeram deslocações à Suíça e à Espanha. Prova do que anteriormente foi dito é a actual relevância dada à pesca desportiva juvenil e sénior como actividades de eleição por via a captar novos segmentos de públicos.

Ao referir traços identificadores de realizações culturais festivas, Augusto Santos Silva (1994b) diz que as festas são celebrações de identidades locais e é neste sentido que o presidente desta colectividade descreve pormenorizadamente as comemorações dos 75 anos do Orfeão. As comemorações parecem assumir um papel perpetuador no que diz respeito à existência de um passado glorioso, mas também à necessidade de viver um presente dignificante.

A provar que as memórias também lutam contra as cristalizações do tempo, a Associação tem vários projectos, entre os quais mencionamos: a reformulação das actuais instalações (adquiridas em 1978) e a criação e

organização de outro tipo de estrutura que permita uma maior participação da sociedade civil - esta mudança poderá passar, por exemplo, pela formação de uma 'sociedade orfeonista'. A viabilização destes projectos implicará o alargamento dos apoios financeiros, nomeadamente por parte da autarquia, de quem esperam também um suporte logístico. Nesse sentido é dito, "sem uma boa retaguarda não podemos fazer nada".

Quarta memória. *Transmitir a memória para o futuro.*

O *Fórum Matosinhense*, foi criado em 1990 no sentido de defender e divulgar o património cultural, histórico e arquitectónico do Concelho e é animado por um núcleo de pessoas preocupadas com a perpetuação e constante divulgação da identidade matosinhense. O *Fórum* está fundamentalmente organizado em dois departamentos: o Gabinete de História e de Arqueologia e o Fórum Juvenil. Assim, com este perfil de intenções, o *Fórum* tem organizado visitas de estudo, cursos de introdução ao património, palestras, conferências. Em termos editoriais, edita mensalmente o boletim "Fórum Matosinhense" e publica biografias de personalidades importantes do ponto de vista cultural ou artístico do Concelho.

Fazem parte deste grupo 250 pessoas das mais variadas proveniências sociais e culturais, provando que a defesa do património e da memória é cada vez mais uma temática referenciadora de interesses gerais da comunidade. Funcionam numa sede provisória e em condições de precariedade logística e financeira. Em termos de apoios, ainda não foram muito contemplados, "as autarquias não deviam intervir no associativismo, mas sim apoiá-lo".

Em síntese, esta iniciativa destaca esforços actuais de preservação e de (re)activação de tradições e memórias, mostrando que os indivíduos tendem a preocupar-se cada vez mais com o seu lugar num tempo e num espaço cronológico e social no sentido de questionar determinadas acções de perpetuar o passado ou o património.

Quinta memória. *O que fica para a memória.*

"...as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das novas significações. A escrita é precisamente esse compromisso entre uma

¹⁷ In Sílvia Sousa (1988), *Monografia do Orfeão de Matosinhos*, Matosinhos, documento policopiado.

liberdade e uma recordação, é a liberdade recordadora que só é liberdade no gesto da escolha, e não na sua duração".

Roland Barthes, 1981: 22

A escrita jornalística é uma das escritas possíveis, é um acto libertador, porque sem isso não há verdadeira escrita, e é também o registo do acontecimento captado, mas que foge no instante seguinte, retido apenas na utopia de uma memória que as palavras materializam. Em Matosinhos também há escrita. A história da imprensa da cidade começa com *O Badalo*, jornal fundado muito perto da implantação da República, mais propriamente em 1908¹⁸. Para além do seu carácter informativo e "humorístico", o jornal definiu, como um dos seus propósitos, o assistencialismo às crianças e aos mais desfavorecidos da comunidade, tendo desenvolvido trabalhos nessa área durante as duas primeiras décadas de existência. Em 1921 e abdicando da sua vertente humorística, *O Badalo* passa a designar-se *O Comércio de Leixões*, nome que mantém até ao momento actual. A mudança do nome não implicou uma redefinição do estilo ou das directrizes. Santos Lessa, o seu director e filho do fundador, assumiu e interiorizou a missão de dirigir o jornal, sempre fiel ao "espírito de conservação". Nas suas páginas figuram, ao longo de um século, elementos preciosos para a reconstituição histórica das práticas sociais e culturais, das sociabilidades, do quotidiano e das pessoas de Matosinhos. Mais do que um jornal, *O Comércio de Leixões* é já parte integrante do património cultural da cidade e do concelho.

De formação mais recente, o *Jornal de Matosinhos* e o *Matosinhos Hoje*, constituem outras formas de expressão da consciência colectiva e da identidade do concelho. Fundado em 1980 como empresa individual, o *Jornal de Matosinhos* assume-se como um Semanário Regional Independente. Conta com assinantes em todo o país e junto das comunidades emigrantes. O seu nascimento liga-se a uma motivação muito pessoal, a da "paixão pelo jornalismo" do seu director que decidiu colmatar a insuficiência de Matosinhos na área da imprensa.

O director do *Jornal de Matosinhos* define como linha orientadora do semanário a liberdade de pensamento, a crítica e o diálogo, procurando que as

¹⁸ Por motivos de indisponibilidade, não foi possível ao director de *O Comércio de Leixões* conceder-nos uma entrevista, pelo que a informação aqui apresentada tem como fonte o artigo de Manuela Sousa "Comércio de Leixões - a vida de um só homem" in *Matosinhos - Revista*, nº 8, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1995.

suas páginas reflectam um espírito, o mais possível, pluralista. Também nos foi revelada a preocupação de incentivar e apoiar novos valores no campo jornalístico, nomeadamente entre os mais jovens¹⁹. O suplemento de quatro páginas dedicado à *informação, cultura e recreio* é, simultaneamente, um espaço de encontro dos leitores.

A publicação do jornal semanário não é a única actividade desta instituição que, se exceptuarmos a autarquia, foi a "primeira entidade cultural" do concelho a editar livros. A entrada nas novas instalações permitiu visualizar novos horizontes e conceber projectos complementares à actividade jornalística. Aguardam a conclusão das obras no edifício para diversificarem culturalmente aquele espaço, através da abertura ao público de uma biblioteca e da realização de exposições, debates e conferências no auditório existente.

A ideia e a vontade da criação do *Jornal Matosinhos Hoje* partiu de um homem cuja carreira sempre esteve ligada ao jornalismo. Director do Comércio do Porto e fundador e director da *Gazeta dos Desportos*, é igualmente o fundador e chefe de redacção desta publicação semanal. O *Matosinhos Hoje* existe desde 1993 mas só dois anos mais tarde se instalou em sede própria. O desejo de ter em Matosinhos uma publicação nova e diferente, em termos de grafismo e de informação²⁰, e a motivação de intervir na comunidade local - que, segundo diz o seu interlocutor, evidencia marcas de indiscutível progresso nos últimos vinte anos - foram aspectos determinantes para o seu aparecimento. Não obstante o jornal ser destinado a Matosinhos Concelho, encontra também uma franja de público na Área Metropolitana do Porto e junto de comunidades de emigrantes, acabando por adquirir um âmbito que ultrapassa o local. O entrevistado encara o momento presente como uma fase de implantação do jornal, que designa de período de "sementeira".

Este jornal propõe-se servir a comunidade de diversas formas, privilegiando a área social, onde pode desempenhar sempre um papel de denúncia de situações de marginalização, promover projectos que visem desencadear processos de integração e mesmo assumir uma função pedagógica no curso desses mesmos processos. O interesse e o envolvimento neste tipo de acção é entendido pelo fundador do *Matosinhos Hoje* como a

¹⁹ A este propósito, constitui motivo de orgulho para o Jornal de Matosinhos o facto de um jovem seu colaborador, que regularmente ocupa uma página deste semanário, ter sido premiado, aos 19 anos, com o "Prémio Ferreira de Castro" (Romance), pela obra *Crónicas da Idade Menor*.

²⁰ De sublinhar que em 1995 o *Matosinhos Hoje* foi eleito como o melhor jornal regional português, tendo sido distinguido pelo Clube de Jornalistas Portugueses com o "Prémio Gazeta do Jornalismo".

concretização de parte dos ideais republicanos. Existem, paralelamente às preocupações descritas, objectivos de carácter mais técnico e material, como o de renovar o equipamento informático com vista a assegurar os meios necessários à manutenção da imagem do jornal.

Divulgar "exaustivamente" as actividades do concelho e das suas colectividades é um aspecto prioritário para os dois semanários. Essa é uma das formas de tornar os matosinhenses mais próximos entre si, e consequentemente, mais coesos e unidos socialmente. A imprensa aproxima porque produz sempre um fenómeno de vaivém: primeiro, os factos acontecem, depois, são apropriados e traduzidos em linguagem escrita ou fotográfica pela imprensa e, finalmente, como que num movimento de retorno, são restituídos à população (Rambaud, 1969: cap.IV). Particularmente no meio urbano, a imprensa recria e inova sociabilidades, sendo hoje um dos únicos meios de subtrair os indivíduos ao anonimato. A notícia e principalmente o "fait-divers" personalizam, seja através das "felicitações de aniversário", dos "donativos especiais", seja através daqueles textos e imagens, de sentido oposto, como os acidentes viários e os falecimentos.

Alusão final. Evidentemente, que no processo de recomposição das identidades e das memórias estão sempre presentes os conflitos entre o *antigo* e o *moderno* e entre a *nostalgia* e o *pragmatismo*. O grande trunfo das associações anteriormente revisitadas tem necessariamente a ver com a boa gestão e articulação desses conflitos. E é sobretudo desta adaptabilidade e flexibilidade que emergirão as *memórias colectivas mais activas e dinâmicas, menos cristalizadas espaço-temporalmente*.

3.2. Produção, reprodução e divulgação da identidade popular: o folclore

"A cultura tem pelo menos dois sentidos, e um dos sentidos é o que se refere ao tecido de significados e imagens que permitem a um grupo de pessoas a coabitação dentro de um espaço; o outro é um sentido mais reflexivo e, digamos assim, mais consciente, que é a produção de objectos que se referem a esse tecido de significados". Pina Cabral in Silva e Jorge, 1993: 21

O folclore enquanto produção cultural parece assumir ambos os sentidos de cultura acima identificados. Os três ranchos folclóricos existentes nas freguesias de Matosinhos e de Leça da Palmeira apresentam um tronco

identitário e referencial comum pois emergiram da interacção e da coabitação de um 'nós' no espaço, sendo consequentemente formas de produção cultural similares em termos de grandes objectivos e linhas de acção. Todavia apresentam perfis diferenciados, e reside precisamente aqui a sua importância, enquanto instâncias produtoras de identidade e de memória culturais. Dada a relevância da especificidade destes três actores culturais, iremos dar desenvolvimento a *três perfis de reprodução, produção e divulgação da memória e da identidade popular*, salientando mais uma vez que esta espécie de *biografias* de agentes culturais tem como critério fundamental de apresentação o seu aparecimento temporal.

Primeiro perfil. O Rancho Típico da Amorosa.

O *Rancho Típico da Amorosa* teve um nascer mais ou menos 'espontâneo' em 1935, fruto do primeiro sentido, já referido, de cultura, designadamente, da interacção de um 'nós' num espaço. Era rotineiro, no quotidiano das populações da Amorosa, o agrupamento e o convívio quebrando as rotinas da lavoura, à época actividade predominante nesta freguesia. Desta forma, as pessoas deslocavam-se a pé, muitas vezes em cumprimento de promessas, às principais romarias da região: Senhora do Bom Despacho, na Maia, S. Bento de Bairão, em Vila do Conde, S. Eufémia da Carriça, em Santo Tirso...Estes percursos eram geralmente acompanhados e animados pelos sons de cavaquinhos, de violas, de ferrinhos e de bombos e cantares.

A deslocação à romaria era, desta forma, um momento alto de produção cultural e lúdica. Durante os períodos de festa, a linguagem e os gestos libertam-se dos constrangimentos sociais habituais fazendo emergir formas de sociabilidade mais espontâneas e marcadamente lúdicas, possibilitando a manifestação de expressões culturais e artísticas diversas. Se as práticas repetitivas ligadas ao trabalho definem e produzem um quotidiano rotineiro e regulado, os percursos de lazer produzem, na generalidade, quotidianos de excepção²¹ potenciando cantigas, danças e namoros. Num regresso - igual a tantos outros - de uma dessas romarias, e ocasionalmente, houve um impulso de continuidade dando origem a um agrupamento instituído que tinha como objectivo o estudo, a conservação e a divulgação folclórica de Leça da Palmeira²².

¹ Cfr. Pedro de Andrade(1993), "Sociologia da viagem: o quotidiano e os seus inter-trajectos", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 37.

² Cfr. (1993), *Brochura de apresentação do Rancho Típico da Amorosa*.

Trata-se de um lazer emergente num período ainda relativamente pré-industrial, para aquele lugar, orientado fundamentalmente pela lógica comunitária da tradição rural. "O jogo, a brincadeira e a celebração colectiva desenrolavam-se segundo uma lógica de sacralização profana da vida social" (Estanque, 1995: 131-2) . Porventura o traço mais distintivo deste grupo foi, desde logo, conjugar a celebração lúdica com a intervenção cultural.

Presentemente, o Rancho é encarado pela sua direcção como "mais do que um rancho", assumindo-se como actor chave de produção e divulgação do folclore de Leça da Palmeira por todo o país e pelo mundo inteiro. Esse espírito tem presidido a muitas das suas actividades: realização de espectáculos, conferências, colóquios, semana cultural, exposições... Ainda dentro dessa lógica, a direcção tem procurado dar relevo ao património artístico do Rancho - trajes, instrumentos e outros artefactos, gastronomia - e à incessante busca de pesquisa etnográfica. Assim, uma das maiores preocupações do Rancho tem sido a de conservar a pureza e genuinidade do agrupamento quer nos trajes, quer nas danças e no aparato cénico em geral, marcando a actividade associativa não só como uma concretização de actividades no âmbito do folclore, mas também como uma intervenção cultural em geral. A título exemplificativo, podemos referir a realização, por parte do grupo, dos Encontros de Etnografia e Folclore, dedicados ao debate do folclore e da etnografia. Apesar de perspectivar uma intervenção cultural mais alargada, o âmbito de actividades do Rancho tem sempre no horizonte "o folclore da zona alta de Leça da Palmeira, a sua parte rural e de lavoura". Mesmo nas 'saídas', a intenção é sempre a de representar o folclore do seu lugar de origem.

Nesse mesmo sentido, o facto de contar presentemente com 300 sócios não tem para a sua direcção, uma grande relevância, importando sobretudo apostar num recrutamento qualitativo de sócios, envolvendo-os num espaço de expressão cultural e lúdica colectivo, "espaço por direito de concretização do Rancho". O facto de se terem vindo a desenvolver actividades complementares, na presente década, tem sido importante em termos de revivificação do próprio rancho e de captação de novos interesses. Desta forma, o "Grupo Coral", o "Grupo das Janeiras", o "Grupo de Música Tradicional" têm sido factores de inegável adaptação aos 'novos tempos'.

O Rancho tem uma actividade permanente de recolha de repertório, feita por indivíduos familiarizados e qualificados cientificamente para a área da etnografia e do folclore. Aliás, a existência de um Gabinete de Estudos no seio do próprio Rancho atesta essa crescente necessidade de pesquisa e de

investigação de alguns dos seus associados mais activos. A invenção do quotidiano por múltiplas 'artes de ser e fazer'²⁴ parece ser o lema desta colectividade. Concomitantemente, em termos de projectos futuros, perspectivam a construção de uma Escola de Folclore, transformações físicas da sede, com vista à obtenção de melhores condições acústicas, implementação de concursos de presépios no Natal e de cascatas no S. João, realização de monografias, constituição de um museu próprio... A este propósito, a direcção do Rancho considera que a existência de mais um piso na sede seria determinante para "(•••) consubstanciarmos a ideia de termos um centro cultural que pode vir a ser determinante no concelho"²⁵.

Finalmente, pautam-se por um intenso relacionamento com colectividades exteriores quer dentro do concelho, quer com grupos de todo o país e do estrangeiro, encarando as trocas associativas como fundamentais para o enriquecimento e consolidação das colectividades, no sentido em que o contacto com a diferença é proporcionador de flexibilidade e de adaptabilidade organizativa e temática.

Segundo perfil. Rancho Infantil Matosinhos-Leça.

Filiado na Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) - uma das principais agências propagandísticas e organizativas do Estado Novo, fundada em 1951-0 *Rancho Infantil Matosinhos-Leça* integrava-se no Centro de Recreio Popular Matosinhos-Leça. Teve como antecessor o Rancho das Canastrinhas. Apesar desse enquadramento institucional, o Rancho Infantil originou-se também de uma forma relativamente espontânea, decorrente do convívio efectuado dentro do Café Lagarto - espaço de reunião e convívio de homens do mar e não só.

Ainda assim, podemos admitir que o Rancho pode ser incluído dentro da "intensificação da política estatal de promoção dos 'ranchos regionais', no âmbito das actividades de organismos corporativos" (Silva, 1994a: 378), cujo o intuito era o de adaptar alguns sectores da força de trabalho a comportamentos disciplinados e conformistas em termos de hábitos recreativos. É importante considerar que, apesar disso, estes actores culturais,

23 Elísio Estanque(1995), "O lazer e a cultura popular, entre a regulação e a transgressão: um estudo de caso", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 43.

24 Aproximando-nos do que é defendido por Michel Certeau(1984) in *UInvention du quotidien - arts defaire //*, Paris, UGE.

25 "Rancho Típico da Amorosa - padrão de cultura e de fidelidade", in *Jornal de Matosinhos*, 17 de Novembro de 1995.

assim emergentes, também possibilitaram a massificação e ampliação de hábitos recreativos às franjas mais populares e normalmente impossibilitadas de acesso a espaços de recreação e de lazer. Tal como refere E. Estanque, "ao mesmo tempo que se tornou - pela sua inclusão na FNAT - objecto de regulação, assumiu-se como instância estruturante situada entre o poder hegemónico da cultura dominante e a capacidade criativa da cultura popular (Estanque, 1995: 143).

É nesta encruzilhada que, em 1945, emerge o *Rancho Infantil Matosinhos-Leça*. Em termos de repertório, assumiu um carácter regional baseado em danças e cantares de Matosinhos, recolhidos por um tocador popular. A preponderância do imaginário das actividades piscatórias definiu-o temática e cenicamente²⁶. É importante referir que o repertório do Rancho é constituído por doze danças. Em termos de memória, só as letras das músicas estão escritas, as músicas não. O Rancho é definido pelo entrevistado da seguinte forma: "fomos e somos um rancho folclórico, não um rancho artístico".

Consolidação e momento de afirmação da colectividade. O actual líder da colectividade considera que as actuações prolongadas do Rancho no Restaurante Mal Cozinhado, na Ribeira do Porto, constituiu um dos momentos mais importantes da sua actividade permitindo a consolidação do Rancho já no pós 25 de Abril e a aquisição do edifício-sede. Este facto garantiu não só um aumento de visibilidade do Rancho como o incremento de todo um conjunto de actividades complementares recreativas e lúdicas alargadas a todos os sócios, tais como férias e passeios em conjunto. Foi também um momento de intenso sacrifício (gratificante) para os dirigentes, pois coube-lhes assegurar por completo o transporte diário das crianças.

Estagnação e retrocesso. A actividade e dinamismo desta colectividade entrou num processo de decadência em virtude da não renovação das lideranças e da falta de competitividade, num espaço cada vez mais urbano e desagregador do espírito de 'carolice' com que o grupo foi criado. Para além disso, verificam-se, presentemente, muitas dificuldades em recrutar crianças e jovens dispostos a levar a sério a dança folclórica. Conta actualmente com 182 sócios, limitando-se a grande maioria a ser sócio 'só de nome': "como não temos cobrador, esperamos pela boa vontade das pessoas" que, em boa

²⁶ A este propósito, o entrevistado afirma não ter presente toda a história dos primórdios da associação, em virtude de não ser contemporâneo do seu período de fundação.

verdade, não é muita. A sobrevivência depende do funcionamento do bufete e de subsídios da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia. A crescer a tudo isto, a própria direcção do Rancho considera que não existem condições para se efectivarem muitas 'saídas', no momento actual da vida da colectividade.

Em síntese. O grande património (e orgulho) do Rancho é constituído pela sua sede comprada, em 1985, sem auxílio de qualquer verba ou ajuda exterior, à excepção dos cem mil escudos da edilidade matosinhense. A sede é assumida, assim, como emblemática da colectividade, traduzindo o muito esforço e 'carolice' que foram necessários para a adquirir. Também o seu espólio em termos de livros (aproximadamente 1000 obras) constitui outra das potencialidades desta associação. Se bem que se registem intenções de 'não deixar morrer a tradição' que o Rancho e a Colectividade encerram, parecem faltar forças para travar mais uma luta em prol da revivificação e da regeneração.

Terceiro perfil. Rancho Folclórico Infantil Vareirinhos de Matosinhos.

Através dos discursos produzidos sobre o Rancho é fácil vislumbrar o orgulho em ser um grupo ligado ao imaginário da pesca e, mais ainda, à própria genuinidade da freguesia de Matosinhos, pela sua inevitável ligação ao mar, e às docas...A especificidade do Bairro dos Pescadores, onde se localiza o Rancho, é verbalizada com base num imaginário piscatório frequentemente associado às fainas e azáfamas das lides e dos ritmos de trabalho, às actividades festivas, aos quotidianos e à vida familiar, ou ainda, aos trajes e artefactos. O que desconcerta o investigador é que, a par de uma relativa cristalização do imaginário piscatório, os actuais líderes do Rancho já se encontram afastados de tal quadro vivencial em termos de ocupação profissional.

O Rancho surgiu em 1980 sob o impulso de um único homem que foi, em simultâneo, autor, ensaiador e compositor. O seu repertório foi constituído tendo na base alguns referenciais identitários tais como: traineira, mar, Matosinhos. A liderança do Rancho é hoje assegurada por duas 'fiéis discípulas' desse mentor que herdaram essas memórias e as continuam habilmente a pôr em prática²⁷. As relações de sociabilidade são, dentro do Bairro dos Pescadores, fortemente marcadas pelo inter-conhecimento e pela entreaajuda. As condições materiais de existência, caracterizadas por

²⁷ Trata-se de duas irmãs que para além de serem parte activa da direcção, ensaiam as crianças, acompanham-nas, tocam, cantam, fazem-lhes as roupas, arranjam os tecidos...

dificuldades de vária ordem, principalmente pela degradação habitacional e por uma memória colectiva de um passado de grandes dificuldades, reforça o espírito de solidariedade e os mecanismos de entreajuda permanecem activados²⁸. Contudo, as dirigentes do Rancho têm-se visto confrontadas com situações de intensa conflitualidade e de dificuldade de implantação no próprio Bairro e desta forma preferem não ter sócios. A rivalidade, entre os moradores e entre os pais das crianças que compõem o Rancho, parece ser um traço de sociabilidade tão omnipresente como a entreajuda, funcionando paralela ou simultaneamente. Assim, a implantação do Rancho no Bairro tem sido um processo lento e moroso.

A própria implantação física da sede foi muito difícil. Foi auto-construída pelos próprios elementos do Rancho em 1989 num terreno pertencente à APDL. Durante os primeiros anos, foi constantemente danificada por actos de vandalismo e de destruição. A abertura do bar ao público foi tida pela direcção como uma "aventura". Hoje em dia, a inserção está mais efectuada e o convívio, ainda que marcado por conflitos, é mais pacífico.

Dentro desta mesma linha, existe muita mobilidade no que diz respeito à composição do próprio Rancho, pois "qualquer trica" é suficiente para que as crianças abandonem os ensaios e o Rancho. Recentemente, constituiu-se um Rancho de Adultos, pese embora existirem alguns receios por parte da entrevistada quanto à permanência dos seus elementos. As 'saídas' são representadas como algo de importante - momentos de consagração pública do Rancho - mas vão flutuando muito ao longo do tempo. A este respeito, foi importante a existência de um 'empresário'. Actualmente, o momento mais 'alto' de consagração do Rancho são as suas actuações nas Festas do Concelho. Em termos de ambição, o Rancho gostaria de perpetuar as suas músicas através da gravação de uma cassette, estando nesse sentido em contacto com uma editora.

Em busca de um perfil comum para o folclore em Matosinhos e Leça da Palmeira.

A importância das 'saídas' para outras localidades de Portugal e para o estrangeiro. Para além de serem momentos de aventura e descoberta de diferentes locais e gentes, funcionam na generalidade, como elementos aglutinadores

²⁸ Cfr. David Tavares, Graça Joaquim (1993), "Identidade e relações de sociabilidade na área do Castelo", in *Estruturas Sociais e Desenvolvimento, Actas do II Congresso Português de Sociologia*, vol. II, Lisboa, Ed. Fragmentos.

das três associações porque celebram e revivificam a identidade do grupo perante o 'outro', dando a (re)conhecer as virtualidades e as potencialidades das suas produções culturais. Daí a importância da aquisição de uma carrinha ou autocarro como necessidades prementes quer no Rancho Infantil Matosinhos-Leça ou, ainda, no Rancho Folclórico Infantil Vareirinhos de Matosinhos.

A celebração festiva: a importância dos festivais de folclore organizados pelos próprios agrupamentos ou a participação em realizações festivas de outras colectividades. O "pôr em comum", o "mostrar-se e ser visto" está presente nos três agrupamentos entrevistados como reforço de identidade.

As dificuldades de um empenhamento juvenil. Se bem que de diferentes formas, todos os agrupamentos referem a dificuldade de um empenhamento da juventude na prática do folclore, quer pela atracção por outras escolhas lúdicas, quer ainda pela falta de sensibilização face a esta produção cultural. Facto comum é também o reconhecimento da irreverência e da 'diferença' juvenil como factores fundamentais de dinâmica associativa.

Relações de conflitualidade e de rivalidade. Independentemente de estabelecerem, ou não, relações com outras colectividades similares, dentro ou de fora do concelho, reconhecem que a rivalidade e a conflitualidade entre os grupos fracciona o tecido associativo, fragmentando-o e imobilizando-o.

A evidência de um quantitativo muito volumoso de grupos de folclore no concelho não é equivalente à existência de qualidade de execução e de repertório. Em relação a este aspecto, todos os grupos foram unânimes denunciando, de certa forma, que a quantidade não é, na maior parte dos casos, equivalente à qualidade.

Um associativismo na encruzilhada rural-peri-urbana-urbana. Existe um sentir comum relativamente ao desafio que o folclore terá de enfrentar numa sociedade cada vez mais modelada por valores e modos de vida urbanos e por isso mais afastados de um universo de 'carolice' e de relações de proximidade e de vizinhança.

Concluiríamos, dizendo, tal como Maria de Lourdes Lima dos Santos, que: "se há quem continue a falar de crise da cultura, outros há que vêem nela a salvação para a crise" (1993: 283). Desta forma, *os modos de ser e estar* dos agrupamentos anteriormente apresentados parecem ser reveladores de identidades culturais mais ou menos reactivadas, possibilitando ainda o reagrupamento de cidadãos-produtores de cultura relativamente empenhados

e activos *em produzir, reproduzir e divulgar a identidade popular* em torno do folclore.

3.3. A produção cultural

Uma produção popular recreativa e lúdica. *Os Gaiteiros Nacionais.*

Através de um registo simultaneamente cultural e recreativo podemos situar este grupo nascido há cerca de 30 anos. O seu âmbito de acção é sobretudo musical e lúdico; os espectáculos são feitos com base em gaitas de foles, bombos, caixas de música, palhaços e faquires. Neste sentido, são herdeiros de uma tradição cultural marcadamente ambulante e ligada à animação de festejos e de romarias. A sua própria origem geográfica -Trás-os-Montes - marcou profundamente esta tradição²⁹.

A precariedade de condições em conflito com o 'amor pela arte' Até 1988, possuíam uma sede onde ensaiavam e dinamizavam o próprio grupo, servindo inclusivamente como local de produção e de fabrico de instrumentos. Esta sede não o era, na verdadeira acepção da palavra, pois tratava-se de um espaço de habitação privado e também de uma construção do tipo "abarracado". Apesar de tal vivência em precariedade, essa mesma sede foi demolida em 1988. Este facto veio alterar a relativa estabilidade organizativa e afectiva do grupo. Assim, os instrumentos encontram-se espalhados "um pouco por todo o lado", os elementos do grupo começaram a ser incertos e, no fundo, "não há hoje um grupo certo". Presentemente, o entrevistado recorda com nostalgia o "tempo das saídas" quando o grupo chegou a contar com 57 elementos. Refere ainda - e ao longo de toda a entrevista isso é notório - a importância do fundador António Ribeiro, enquanto referencial de pertença e de vivacidade do projecto. Mesmo esse homem, que sacrificou/enriqueceu 30 anos da sua vida em prol dos Gaiteiros, começou a "desmoralizar-se e a desmorronar-se". Mas o 'amor pela arte' dos *Gaiteiros* tem vindo a resistir estoicamente e surpreendentemente o entrevistado considera que só precisava de uma sede e de novos fardamentos para "levantar o moral" ao grupo. Assim comprova-se, de certa forma, que a crise da cultura não tem a ver (somente) com a falta de dinamismo associativo, mas também com a falta de apoios logísticos e financeiros.

Comprova-se que é preciso relativizar a linguagem, as actuações e discursos quando se fala de produção cultural. Do mesmo modo, poderemos

²⁹ Aliás, o primeiro nome deste grupo foi "Gaiteiros Transmontanos"

reiterar o que refere Madureira Pinto, "A verdade é que, quando os círculos viciosos da estigmatização se instalam e os excluídos se tornam agentes (ainda que passivos) da sua própria exclusão, não é fácil criar pontos de inflexão identitária que levem a mudanças emancipadoras" (1995: 205) - e aqui parece residir a principal fragilidade mas também a incerta potencialidade dos *Gaiteiros Nacionais*.

Dinamização e produção cultural e artística em torno da paróquia.

Grupo Paroquial de Teatro de Leça da Palmeira.

Em termos de memória, o grupo surgiu eminentemente ligado à passagem de alguns dos seus elementos fundadores pela Juventude Operária Católica (JOC). Essa passagem foi determinante em termos de aquisição de experiência teatral. Através de um reencontro, em 1978, entre alguns desses elementos, surgiu o Grupo de Acção Paroquial - hoje, *Grupo Paroquial de Teatro de Leça da Palmeira*. Estatutariamente, estão inseridos no Salão Paroquial de Leça da Palmeira. O Grupo continua a enraizar-se numa filiação religiosa, mas não faz questão que todos os seus colaboradores sejam católicos praticantes e, tal como diz a própria direcção, "estamos abertos a toda a gente, mas abrangemos mais pessoas ligadas à Igreja".

A presença e diferença juvenil. Com excepção do entrevistado, o Grupo é animado e dinamizado por jovens. As peças encenadas são geralmente do género comédia. Neste sentido, em termos de peças representadas "não são esquisitos, fazem de tudo, têm de tudo...". O próprio entrevistado considera que as ambições devem ser moderadas porque "o teatro a sério tem de ser muito bem feito para prender as pessoas". As grandes apostas do Grupo vão na direcção do reforço do empenhamento da juventude, daí os seus projectos confluírem para a reactivação de uma Escola de Teatro Juvenil e para uma Escola de Teatro Infantil.

Esta adesão juvenil corrobora sobretudo a ideia de que não existe uma juventude, mas juventudes e que "nem toda a juventude se demite da participação, como muitos dizem". Maria de Lourdes Lima dos Santos refere o mesmo ao considerar que é importante ter em linha de conta "a variedade de tendências verificadas quanto aos comportamentos de consumo cultural de jovens em diferentes situações sociais (Santos, 1993: 287).

Afinidades entre produtores/criadores e públicos. Apesar de não possuírem sócios, pois não têm estatutos próprios, o Grupo dispõe de uma estrutura que designa por "Amigos do Teatro", que colaboram financeira e logisticamente nas actividades desenvolvidas. Similarmente, os espectáculos

do Grupo parecem merecer uma grande adesão por parte da população em geral de Leça e de Matosinhos, o mesmo acontecendo com os Encontros de Teatro promovidos anualmente por esta associação.

O gosto e a mestria do marionetismo - elogio ao 'amor pela marioneta'. *Teatro d'Água Acesa - Marionetas de Matosinhos.*

Desde 1979 que se constituíram enquanto grupo assumidamente de produtores culturais. A existência de um grupo de cinco "artistas" ligados ao teatro, oriundos do concelho e com experiências em algumas companhias de Porto (Seiva Trupe e Teatro Experimental do Porto) e Matosinhos (Aurora da Liberdade) foi determinante. Mas o seu objectivo nunca foi o de se dedicarem ao teatro de actores propriamente dito, mas ao teatro de marionetas, movidos pelo "amor pela arte das marionetas".

Celebração da produção cultural por um grupo de entusiastas e amantes do marionetismo. A estreia de uma peça constitui, pelo esforço que implica, um momento marcante e, nesse sentido, a montagem de 22 peças por este grupo implica a existência de 22 momentos marcantes vividos com forte intensidade. A grande aposta na encenação de obras tem a ver com o facto de primarem pela diversidade de temas e de inspirações. Mas existem dificuldades da criação permanente ao longo do tempo. Do mesmo modo que são, para o grupo, momentos de intensa comunhão identitária, as encenações repercutem-se quase sempre em intensos estrangulamentos financeiros. Aliás, a precariedade caracteriza sempre a contabilidade desta associação³⁰.

O 'amor pela arte' vai continuar a ser importante ? Independentemente de serem ou não contemplados com apoios quer económicos quer logísticos, as actividades vão prosseguir através da montagem de novos espectáculos, desenvolvimento de um trabalho de investigação em torno da temática, "Subsídio para o Teatro de Marionetas em Portugal", e ainda o desenvolvimento de um trabalho de arquivo do espólio para a constituição de um futuro Museu da Marioneta. É importante referir que oficialmente têm uma sede, mas esta corresponde à casa do entrevistado. O projecto vai continuar porque "não se trata de fazer bonequinhos, nós fazemos marionetas".

³⁰ Uma das tónicas da entrevista foi sempre o facto de o entrevistado conduzir as questões dentro de uma certa ambivalência, por um lado destacando a autosuficiência do grupo e por outro, a falta de apoios ao grupo, nomeadamente pela autarquia, quer no que diz respeito à sede, à situação financeira, ao espólio do grupo, etc.

3.3. A oferta privada do cultural

A não inclusão de espaços reprodutores e produtores da dita cultura erudita, constituiria uma lacuna fulcral do estudo, se não um acto de injustiça. Ainda que conotados com o conceito de elite e de oferta cultural privatizada - por isso inacessível ao conjunto lato da população - estes lugares vêm, não raro, colmatar o vazio existente no sistema educativo oficial, principalmente na área da formação artística, remetendo para problemas que "advêm da ausência de uma política estruturada e coerente para o sector e da negligência com que tem sido tratada" (Palheiros, 1993: 36).

Encontramos, nestas circunstâncias, nas freguesias de Matosinhos e de Leça da Palmeira, quatro casos: a *Escola de Música Oscar da Silva*, juridicamente uma cooperativa, e três empresas em nome individual, nomeadamente, a *Escola de Música e Bailado de Matosinhos* (também conhecida por Escola Alberta Lima, em referência ao nome da sua directora), a *Escola Dança e Movimento* e a *Escola de Música de Leça da Palmeira*.

Origens e fundação.

Iniciativa concertada. A *Escola de Música Oscar da Silva* foi fundada em 1969 com o nome de Academia de Música de Matosinhos, tendo passado a designar-se, Oscar da Silva, em 1988. Esta data é entendida como um marco importante e assinala um momento de mudança. Embora no presente não possua qualquer vínculo à Câmara, a autarquia foi um seus parceiros fundadores, juntamente com duas professoras do Conservatório de Música do Porto.

Criou-se esta escola porque não existia, naquela época, nenhuma no concelho, tendo sido a única de ensino vocacional até 1994, ano em que surgiu a *Escola de Música de Leça da Palmeira*. Estamos perante uma situação que resultou da conjugação de investimentos de actores culturais, com reconhecimento público, em paralelo com um órgão de poder local. O ponto de partida foi, deste modo, e ao contrário do nascimento das outras escolas cujos percursos reflectem trajectórias individuais, sustentado por uma base institucional mais sólida.

Quando a escola se constrói no meio do percurso individual. Não cabe aqui fazer histórias de vida, até porque a sua existência ainda é curta, mas não estaríamos longe se afirmássemos "três escolas, três mulheres": Alberta Lima e a *Escola de Música e Bailado de Matosinhos*, por si fundada em 1985, Luísa Ramos e a *Escola Dança e Movimento*, que criou em 1987 e Angela Soares,

que fez arrancar a *Escola de Música de Leça da Palmeira* em 1990, tendo de esperar ainda quatro anos pela sua oficialização.

A criação das escolas está ligada ao próprio percurso individual e profissional das suas fundadoras. No caso das *Escolas de Música e Bailado de Matosinhos e de Música de Leça da Palmeira* trata-se de duas professoras que conjugaram projectos profissionais com a prestação de um serviço cultural ao Concelho. Ambas são as directoras pedagógicas e ambas recebem apoio familiar no que diz respeito a questões de gestão burocrático-administrativa.

Apesar de histórias que não ultrapassam os dez anos, há momentos marcantes para cada uma delas. Para a *Escola de Música de Leça da Palmeira* é, sem dúvida, a data da sua oficialização, em 1994. A entrada da primeira aluna na Companhia Nacional de Bailado, em 1992, como figurante no Lago dos Cisnes, é o momento mais recordado pela directora da *Escola Dança e Movimento*. Há outros factos a recordar, como os exames realizados pelo "Imperial Society Teachers of Dance" (ISTD), cujos resultados têm sido sempre satisfatórios. Lembra ainda a apresentação de espectáculos em conjunto com figuras famosas como o Rui Veloso ou o António Vitorino de Almeida. A *Escola de Música e Bailado de Matosinhos* revela especial apreço por um momento de carácter cíclico: a Festa Anual dos Alunos.

Vocação.

Escolas vocacionais. "Abrir uma escola profissional pressupõe quase sempre a existência de uma rede local de contactos, de solidariedades, de investimentos e sonhos, tantas vezes adormecidos, mas bem enraizados num território" (Azevedo, 1994: 92). Foi essa a realidade constatada nas duas escolas profissionais de ensino vocacional artístico (a Oscar da Silva e a de Leça da Palmeira) do Concelho.

A *Escola de Música Oscar da Silva* é aquela que revela um perfil organizacional mais consolidado, possuindo, para além dos órgãos sociais, um Conselho Pedagógico de que fazem parte todos os professores e representantes dos órgãos sociais. Todos os professores, num total de vinte e três, têm o diploma do Conservatório de Música, sendo grande parte deles recém formados. Segundo opinião do director pedagógico da Oscar da Silva, as escolas de ensino vocacional são uma alternativa para quem não pode frequentar o Conservatório, instituição de referência e determinante na elaboração dos currículos.

Esta Escola, frequentada por 200 alunos, não se restringe ao campo do

ensino da música. Concursos de composição, acções de sensibilização nas escolas de ensino básico e preparatório, seminários com professores convidados, recitais (com professores da escola e de fora) e audições são actividades que complementam o seu quotidiano. Exceptuando a leccionação, todas as outras actividades estão sujeitas a condicionalismos de ordem física e material. A estabilidade em termos de instalações é um factor determinante daquilo que pode ser feito. A Escola dispõe de uma pequena biblioteca com livros oferecidos pelos professores da casa. Esse espólio é novo mas as edições são antigas. O entrevistado refere, com satisfação, o facto de terem editado, em colaboração com a Câmara Municipal de Matosinhos (CMM), um livro que é uma partitura de música de Oscar da Silva, em comemoração aos 125 anos do seu nascimento.

A *Escola de Música de Leça da Palmeira* é, como atrás foi dito, uma empresa privada, mas enquanto escola profissional está longe de se classificar como "um mero investimento empresarial", na medida em que tal facto não pesa na motivação da sua empreendedora (Idem: 95). O funcionamento da Escola é assegurado por 9 professores, mais dois colaboradores, respectivamente, o pai e o cônjuge da directora. Os dois últimos formam o Conselho Pedagógico, condição necessária estipulada pelo Ministério da Educação.

A Escola actua exclusivamente na área da música e tem uma implantação local: os alunos são de Leça da Palmeira e de outros lugares do concelho e os concertos são realizados em São Mamede de Infesta, Leça da Palmeira e Matosinhos. As aulas são leccionadas a 63 alunos, com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos. Têm também audições regulares no Salão Nobre da CMM e na Junta de Freguesia. Só agora puderam começar a organizar o arquivo e está agendado o projecto de constituir uma biblioteca musical.

Música e Dança. A *Escola de Música e Bailado de Matosinhos* dispõe de 5 professores de música e 1 professora de dança para um número de alunos superior a 100, entre os 5 e os 17 anos. Consideram que o âmbito de intervenção da Escola é regional, pois, alguns dos seus alunos são exteriores ao Concelho. A Festa dos Alunos, realizada no culminar da actividade lectiva, alterna anualmente a música e o bailado. Realizam também actuações no exterior, a convite de instituições, de que são exemplo, a CMM e a Escola de Danças de Salão do Porto. Promovem periodicamente, cursos de curta duração, com professores estrangeiros, fundamentalmente ingleses e americanos.

Pedagogia em movimento. A *Escola Dança e Movimento* define o âmbito da sua intervenção em dois registos: o musical e o cultural. Este último,

utilizado na acepção de todo o resto que pode conviver com a música e onde a música pode ir aprender. É uma escola ligada à dança clássica (*bailei*) e à dança moderna (*jazz*). As cerca de 50 alunas fazem o curso do ISTD para a dança clássica. Como o objectivo extravasa a dança, têm procurado, desde o início, abarcar outras actividades: exposições (de escultura e de pintura), mais pontualmente conferências, apresentação de quadros dançantes sobre um tema ou um autor, como por exemplo, Camilo Castelo Branco, Mozart ou Florbela Espanca. A entrevistada revela predisposição para agarrar sempre desafios diferentes. A esse propósito diz: "A Câmara sabe que estamos disponíveis para actividades diferentes. Pediram-nos para ilustrar um livro que apresentaram e as miúdas dançaram as histórias do livro". Só lamenta que a componente pedagógica dos seus trabalhos não seja maximizada. Gostaria de ver as escolas mais envolvidas e interessadas no tipo de trabalho que a *Dança e Movimento* tem para oferecer. Admite que o problema possa vir a ser contornado através de uma divulgação mais eficiente. Apesar da actividade fundamental ser a dança, "a função educativa está presente em todos os trabalhos da Escola", existindo uma preocupação permanente em alargar o conhecimento para outros campos³¹.

Projectos.

Falar em projectos para futuro, significa para estas escolas ultrapassar os estrangulamentos do presente. As dificuldades da gestão financeira são uma constante em todos os discursos - especialmente para as escolas de ensino de música que têm de assegurar o estado de conservação dos instrumentos e adquirir novos -, no entanto, não entendidas como algo com efeito anulador das acções.

Mudar de instalações ou alargar as actuais é outro dos objectivos de médio prazo de todas as escolas³². A exiguidade e o estado de conservação dos espaços que utilizam, impedem o desenvolvimento pleno das actividades.

³¹ As alunas têm, por hábito, um caderno onde registam tudo o que aprendem, por exemplo, os bailarinos, os contextos sociais das danças, os vestuários, etc. Complementarmente, consultam os livros de bailado e coreografia que constam na biblioteca da Escola.

³² Escola de Música de Leça da Palmeira e à Escola de Música e Bailado de Matosinhos dispõem de espaços arrendados e a Escola de Música Oscar da Silva ocupa umas instalações cedidas pela CMM. Somente a directora da Escola Dança e Movimento é proprietária do espaço que ocupa, todavia insuficiente. A esse propósito, afirma "O grande problema é a falta de espaço. A nossa escola dança em qualquer lugar: nos parques, nas bibliotecas, nos hospitais, na rua..." mas isso tem os seus custos. "Para se evoluir tecnicamente tem que haver condições" e muitas vezes os espectáculos realizam-se "em detrimento da qualidade técnica da dança".

Divulgar o mais possível, no Concelho, as suas actividades é um projecto comum à *Escola de Música de Leça da Palmeira* e à *Escola de Música e Bailado de Matosinhos*. Esta dando uma maior projecção à professora de bailado, cujo repertório consideram de grande qualidade, realizando concertos e audições e estabelecendo intercâmbios com outras escolas de música.

A *Escola de Música Oscar da Silva* manifesta uma ambição de diferente cariz. Transformar a Escola em ensino público; tornando-o gratuito e acessível para todos, constitui o seu projecto central. Para a prossecução deste objectivo julga ser necessário, a par de instalações adequadas, o suporte de uma entidade jurídica com força suficiente para fazer a proposta ao Ministério da Educação.

Públicos e interfaces

A ideia de que "o público está por criar" é uma opinião unânime a todos os entrevistados. A maior parte das pessoas que se deslocam a assistir aos espectáculos são familiares e amigos dos alunos destas escolas. O director pedagógico da *Oscar da Silva* defende que é necessário criar hábitos nos públicos. Esse é um dos grandes objectivos desta Escola, que encara os seus alunos como um potencial segmento de público. É, entretanto, indispensável intervir a outros níveis, nomeadamente no âmbito da socialização dos públicos escolares.

No caso da *Escola Dança e Movimento* a estratégia tem-se centrado na ida ao encontro do público, em virtude da sua deslocação a diferentes locais e da sua disponibilidade em participar em iniciativas diversas. A título de exemplo, pode citar-se a APPACDM (Associação de Pais de Crianças e Deficientes Mentais), a Associação da Escola Leonardo Coimbra, a Liga dos Amigos do Hospital de Matosinhos, a Câmara de Matosinhos, a Biblioteca Municipal Florbela Espanca, o Orfeão de Matosinhos, a Aurora da Liberdade e a Escola Oscar da Silva.

3.5. Cultura interclassista e participação popular de massas

O clube recreativo é, por excelência, o espaço mais tendente ao desenvolvimento de processos de convivência social e é nesse sentido que podemos encarar o investimento feito por muitos desses clubes na prática desportiva. Desta forma, "a prática desportiva, enquanto actividade protagonizada por actores dotados de inteligibilidade (...) pode inclusive constituir, em particular quando desenvolvida no contexto recreativo, uma forma de resistência cultural, uma prática contra-hegemónica pela qual os actores transformam regularmente as condições de reprodução das sociedades capitalistas industriais" (Batista e Pires, 1990: 168).

O investimento na prática desportiva acentua sobretudo a importância de uma intervenção cultural na comunidade marcadamente relacional, despertando novos interesses e captando públicos mais jovens, ávidos de uma prática cultural mais livre de constrangimentos ligados à cultura de elites de que há muito tempo estão afastados. É dentro desta fundamentação que encaramos as Associações abaixo descritas.

Caso de sucesso. *Grupo Recreativo e Cultural Cruz de Pau.*

Em 1975, na zona da Cruz de Pau, um grupo de pessoas decidiu constituir-se em associação com o intuito de proporcionar a existência de um espaço adequado - na referida zona - à prática do atletismo. Presentemente praticam também futebol sénior e juvenil. Existiram algumas tentativas no sentido de se proporcionar a realização de espectáculos de teatro, mas as exigências de espaço, de dedicação e de financiamento, que esta actividade exigia, sempre foram limitadoras da sua concretização. Daí, a prevalência do desporto sobre o teatro. Em termos de projectos futuros, a sua principal meta é federarem-se no INATEL com a equipa de futebol juvenil. As carências são várias: equipamentos desportivos, transportes, espaços, máquina de calcular.... Mas tudo isto não obstaculiza o forte empenhamento da direcção no prosseguimento dos seus objectivos.

Caso de relativo sucesso. *ABC-Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo.*

O trabalho deste grupo consiste no apoio às actividades de educação física da Escola de Ensino Básico na Amorosa, em Leça da Palmeira. Quando foi constituído, em 1979, os seus intuítos eram de outra natureza: criar uma equipa de futebol de salão e uma equipa de atletismo infantil. Apesar de se terem reconfigurado em termos de actividades no sentido de um projecto educativo de apoio à escola de ensino formal, travam hoje, sérias dificuldades na prossecução desse desafio tão inovador. Para além de estarem "totalmente dependentes de quem lhes quiser arranjar instalações para trabalhar", consideram que a inexistência de condições de trabalho dentro da referida Escola (ringue e pista de atletismo) têm vindo a esmorecer o dinamismo inicial das actividades. Refere-se a existência de múltiplas vontades (pais, professores, direcção e crianças), mas o papel dos poderes públicos deve ser determinante neste contexto e não o tem sido: "têm existido promessas atrás de promessas", nomeadamente se tivermos em linha de conta que "quase todas as freguesias do concelho têm pavilhões desportivos públicos, Leça tem só dois, mas particulares (...) para fazer aí uma hora de educação física, paga-se um dinheirão!".

Caso de relativo insucesso e de recomposição. *Centro Popular de Trabalhadores de Leça da Palmeira.*

Esta Associação encontra-se, neste momento, desactivada em virtude da denúncia de ilegalidades cometidas por parte do anterior presidente. Formou-se em 1984, através da filiação no INATEL, por motivações de interesses culturais e desportivos. O entrevistado refere que neste sentido, "o futebol também é cultura, mas infelizmente neste país quase não o é". Classifica o Centro como recreativo já que se preocupa com a dinamização e ocupação dos tempos livres dos habitantes de Leça da Palmeira. No seus primórdios, desenvolveram actividades ligadas ao futebol e associaram-se a muitas colectividades do concelho. Os intensos desejos de protagonismo e de liderança pessoal do anterior presidente foram pouco a pouco destruindo e fragmentando vontades, afastando muitas pessoas. Hoje, a situação está a clarificar-se judicialmente e "na prática não existe ainda" o Centro Popular e de Recreio. O entrevistado foi convidado por um "grupo de carolas" para liderar este processo de clarificação e de (re)construção. Ainda está tudo muito indefinido.

3.6. As sociabilidades no associativismo urbano em torno da habitação

A *Cooperativa Agua Viva* foi constituída em 1977 e é bem representativa de uma das facetas do novo associativismo que surgiu com o 25 de Abril. Adoptando a modalidade jurídica de cooperativa, uma franja significativa da população portuguesa procurou assim resolver os seus problemas na área habitacional.

Não será, por isso, excessivo afirmar que a habitação foi uma das áreas-chave e socialmente mobilizadoras do período que imediatamente sucedeu ao 25 de Abril de 1974. Nesse momento de viragem do sistema sócio-político surgiram, de forma quase automática, contestações sociais em todos os campos da realidade portuguesa. O cenário urbano foi especialmente profícuo a reivindicações que aqui e ali despontaram, fruto da liberdade de expressão e de manifestação que à data se instaurou. Em 1974, os sectores da habitação, da construção civil e do urbanismo são bem o espelho que reflecte as carências, as desigualdades sociais e o tipo (mais propriamente a ausência) de organização territorial do Estado Novo³³ (Ferreira, 1987: 59).

³³ À época, constatava-se um parque habitacional que para além de deficitário em 600 000 alojamentos, se encontrava envelhecido, degradado, vivendo mais de 20% da população em ilhas, barracas, regimes de sublocação, casas superlotadas, sem um mínimo de infra-estruturas (Vilça, 1994:66).

O tipo de pessoas, que na área do alojamento, aderiu ao modelo cooperativo, não foi certamente aquele pertencente a populações insolventes e marginalizadas - essas na sua maioria organizaram-se em associações de moradores procurando solucionar a precariedade da sua situação habitacional através do processo SAAL -, antes era oriundo de franjas da classe média e do operariado urbano, mas com uma capacidade mínima de poupança ou detentoras de recursos latentes que lhes permitia parcial auto-financiamento³⁴.

Assim foi com a *Cooperativa Água Viva* e assim se construíram cerca de 500 fogos na freguesia de Matosinhos. Anos mais tarde e após esta primeira fase, a *Água Viva* continuou a construir, desta vez em Leça do Balio e na Senhora da Hora, não abdicando assim dos objectivos a que desde início se propôs. Uma vez resolvido o problema do alojamento dos sócios, contemplados pela primeira fase de construção, e porque "as pessoas não são coisas que se metam em gavetas"³⁵, partiu-se em busca de "novos sentidos para a acção" (Guerra, 1994: 14). A recriação das relações de vizinhança e das sociabilidades do bairro foi, então, fomentada por uma via semi-institucionalizada que passou pela diversificação das actividades da Cooperativa e pela organização da mesma em diversos sectores. Trata-se de uma intervenção triangular, cujos vértices são: *o desporto, a cultura e a acção social*.

Desporto.

Começaram pelo karaté e pela ginástica. Mais tarde, o ténis de mesa e em meados de 1995, iniciaram o xadrez, actividade promovida por sócios que não pertencem aos órgãos sociais e que envolve cerca de vinte crianças. Mas as possibilidades não se circunscrevem a isto. O leque é bastante variado: ginástica, karaté, xadrez, ténis de mesa, futebol de salão e voleibol. Através do xadrez e do futebol de salão, a Cooperativa tem estabelecido contactos a nível nacional. A extensão da actividade desportiva, engloba o projecto de implementação de uma nova modalidade: o basquetebol.

³⁴ Se considerarmos a diversidade de situações, terá de ser consequentemente ressaltado o carácter forçado desta categorização polarizada em associações de moradores e cooperativas de habitação económica, uma vez que as associações de moradores aglutinaram os bairros sociais - aliás foi aí que se iniciou a mobilização e se elaboraram os primeiros cadernos reivindicativos - e por seu lado, as cooperativas resultaram, em alguns casos, de associações de moradores reconvertidas, em virtude da inviabilidade de construção das casas no âmbito do SAAL.

³⁵ Título da Revista *Sociedade e Território*, n.º 20 de 1994 e do artigo de Isabel Guerra, inserido nessa revista. Embora o tema tratado neste número da *Sociedade e Território* seja o do realojamento de populações socialmente excluídas e os subsquentes problemas de apropriação e de enraizamento no bairro, também em contextos sociais como os das cooperativas de habitação se luta por uma integração dos moradores - com origens sócio-geográficas, económicas e culturais diferenciadas.

Cultura.

O *teatro* existe desde o início da Cooperativa. Por falta de meios, "nunca tiveram um grupo de teatro a sério". Sublinham que não querem dinheiro mas "meios", como cenários, por exemplo. Sem um percurso propriamente regular, saíram, em determinados momentos, 'fora de portas' fazendo actuações na Junta de Freguesia. Um jovem, que frequenta o Conservatório de Teatro, está presentemente a ensaiar um grupo com cerca de 12 adolescentes, entre os 12 e os 17 anos. Afirmam que a sua experiência no campo cultural, tem servido de exemplo para outras cooperativas e mesmo para a própria Câmara. No historial das actividades culturais encontramos uma digressão num outro plano: a *música*. Em 1989 foi criado um grupo de música tradicional portuguesa, A Ronda de Água Viva. Apesar deste grupo ter adquirido alguma projecção - chegando mesmo a ir à televisão - extinguiu-se em 1992.

Mais recentemente, a Água Viva tem procurado apostar num novo projecto que designam de *Rádio, Tele-Texto e TV*. O seu principal objectivo é o de manter um canal de circuito interno que entre em casa de todos os sócios facultando-lhes, assim, informação sobre a vida da Cooperativa. Ao fim de semana têm uma programação própria de televisão e de rádio. Além de documentários, têm um telejornal, o "Água Viva TV", que também dá cobertura às actividades da Câmara. Esta actividade iniciou-se nos começos de 1995. Esse canal é da responsabilidade dos jovens (são eles que fazem a apresentação) e progressivamente tem vindo a substituir o Boletim Informativo da Cooperativa, o "Info Água Viva", publicação bimensal que existe desde do período de fundação.

Desporto, Cultura e Rádio, Tele-Texto e TV, são actividades e projectos com um denominador comum, & *juventude*. Pese embora o desejo de mobilizar todos os sócios para a participação no Bairro, revelam a preocupação fundamental de ocupar os tempos de lazer das camadas mais jovens, subtraindo-as, desse modo, a situações de vulnerabilidade a condutas marginais. Querem que os jovens ocupem os espaços da Cooperativa o mais possível, por isso permitem que organizem Festas de Aniversário e outras actividades. Em suma, a frase "Queremos cativar aqui os jovens" é uma constante do discurso.

O cultural estende-se ao social.

A vertente cultural da Cooperativa, estende-se às suas actividades de carácter social, como é o caso das Actividades de Tempos Livres (ATL), onde já existem aulas de iniciação musical. Esta actividade ocupa os tempos livres de 30 crianças, algumas das quais residentes em outras Cooperativas. O ATL

não é um "mundo à parte", as crianças participam também em outras actividades promovidas pela Cooperativa. Toda esta dinâmica é produto dois aspectos fundamentais: *organização e gestão, espaços e equipamentos*.

Organização e gestão.

Gerir uma instituição com sectores tão díspares e estabelecer a indispensável ponte entre todos é uma tarefa nem sempre fácil, principalmente quando os recursos são insuficientes. Acima de tudo é imperativo que exista uma direcção que funcione e é isso que acontece na Agua Viva. Encontramos aqui um modelo de gestão híbrido sendo possível detectar traços de informalidade, "amor à camisola", esforço e dedicação de alguns elementos que remonta ao período da sua fundação - como é o caso do seu presidente -, a par com indicadores que revelam uma elevada diferenciação funcional e eficácia logística, própria de organizações que alcançaram um certo nível de maturidade. Para além da responsabilização dos elementos dos órgãos por diferentes sectores, existe um suporte administrativo das actividades e a manutenção de um arquivo criteriosamente ordenado relativo a toda a documentação da Cooperativa. Tudo isto permitiu-lhes que há dois anos realizassem uma mostra na CMM com elementos do seu historial. O sucesso desta iniciativa produziu incentivos para realizações futuras, para as quais pretendem utilizar suportes expositivos mais sofisticados.

Dos seus cerca de 500 cooperantes, metade participa regularmente nas actividades. Na sequência da sua abertura ao exterior, o público da Cooperativa extravasa o dos seus sócios, estendendo-se a respectivos familiares e amigos como, de igual modo, pelos pais das crianças do ATL e também pelos jovens e crianças das escolas que utilizam as suas instalações. Trata-se, portanto, de uma *modalidade mista*, uma vez que está aberta tanto a pessoas da Cooperativa, como pessoas exteriores. Para além do trabalho social, o desporto constitui outro factor relevante de abertura ao exterior.

Espaços e equipamentos.

A análise da segregação espacial no espaço urbano não pode ser singularizada pela questão do acesso à habitação e pela marginalização dos bairros sociais e das barracas. A segregação pode também ser abordada num outro eixo que é o do acesso aos equipamentos colectivos (Pinçon-Charlot, Preteceille e Rendu, 1986). No caso português, as Cooperativas de Habitação Económica são exemplificativas de estratégias de contorno da segregação, pois uma boa parte delas inclui nos projectos das suas áreas residenciais um conjunto de equipamentos e infra-estruturas que humanizam o espaço e potenciam uma vivência social e cultural intensa, libertando-as

simultaneamente do estigma de "dormitório". Algumas cooperativas chegam mesmo - principalmente se distantes dos pólos urbanos - a ser identificadas com a imagem-limite de "cidade-miniatura".

Dada a centralidade da sua localização, não será, certamente, este o caso da Água Viva. No entanto, se listarmos o conjunto do seu património e respectiva ocupação não ficaremos longe desses outros tantos exemplos em que, através de metodologias cooperativas e associativas, se criam mecanismos que invertem as lógicas de segregação espacial, seja ela geográfica, económica ou cultural. Os entrevistados enumeram como partes sociais da Cooperativa:

- auditório, com 100 lugares³⁶; centro de convívio; salão de festas; ginásio; instalações do ATL; ringue de futebol e balneários; Sede Social.

Dispõem ainda de uma área onde funciona uma creche financiada pelo Centro Regional de Segurança Social e apoiada pela CMM. No que respeita aos equipamentos será de evidenciar, entre muitos outros, uma carrinha ao serviço do sector desportivo e uma máquina para projectar filmes. Não raras vezes, os dirigentes e os sócios põem ao dispor da Cooperativa equipamentos seus, tais como televisores e vídeos.

Balanço.

Numa atitude mais reflexiva acerca do seu percurso e das suas actividades, consideram que desde o início têm dado um contributo importante, quer para a freguesia, quer para o município, no sentido em que desenvolvem trabalhos muito mais da competência da autarquia podendo servir de exemplo para o muito que pode ser feito tanto pelo poder local como por outras cooperativas. A começar pela urbanização da área onde construíram: anteriormente de bouças - a conhecida *zona das Austrálias* - e espaço para brincadeiras de crianças passou a ser dominada por vários tipos de marginalidade social que foi diluindo memórias colectivas. Vêem-se, por isso, como uma espécie de "cowboys*" que desbravou o "far-west" da freguesia de Matosinhos. No nosso entender, essa aventura foi nada mais do que a reivindicação do "direito à cidade" de que Henri Lefèbvre (1968) nos fala.

Mas isso foi o antes, quanto ao agora, os terrenos a desbravar são outros, do mesmo modo que o são os direitos a defender...e como querem honrar o nome que escolheram há que não deixar a *água* estagnar, mantendo-a *viva*. Os

³⁶ Neste auditório são projectados filmes aos fins de semana - e à semana para as crianças do ATL - tendo este espaço sido cedido à Câmara (Pelouro da Juventude) para as crianças das escolas do Concelho.

desafios vêm de outro lado, da cultura, como sempre enunciada no plural. Só que "sem meios físicos e materiais não há lugar para a cultura", daí que o social tenha que ser colocado ao seu lado, de preferência a anteceder-la.

3.7. A intervenção social e cultural como imperativo ético

Os cinco casos tratados neste ponto, apresentam como característica comum o facto de assumirem as suas acções como práticas eticamente determinadas. Ao contrário de todas as outras associações que são de iniciativa e de implementação local - ainda que a sua projecção possa ter um carácter nacional e mesmo internacional -, os grupos em questão representam unidades mínimas de organizações mundialmente implantadas. Os traços comuns não se circunscrevem à sua internacionalização: todos estão classificados como Associações de Utilidade Pública e quer a pertença ao grupo quer as normas de funcionamento interno obedecem a práticas distintivas e ritualizadas.

Podem ser assim tipificados os *Clubes de Rotários de Matosinhos e de Lega da Palmeira*, o *Lions Club de Leça da Palmeira*, o *Grupo 43 da Associação de Escuteiros de Portugal (AEP)* e a *2ª Companhia de Matosinhos da Associação de Guias de Portugal (AGP)*, ambos sediados na freguesia de Leça da Palmeira. Por razões que se prendem com a especificidade e a origem das associações analisaremos os clubes dos Rotários e de Lions separadamente dos Escuteiros e das Guias.

Ética profissional e serviço à comunidade.

Ética profissional. Rotários e Lions são associações que surgiram nos Estados Unidos no início do século, ambas partilhando a mesma filosofia de servir os "outros"³⁷ e a comunidade, considerando a profissão como um meio privilegiado para alcançar esse objectivo. O contexto em que apareceram - país predominantemente protestante e incentivador da iniciativa individual - e os seus princípios orientadores sugerem-nos as teses de Max Weber (1983) sobre a ética religiosa do protestantismo e respectivas consequências ao nível da valorização do trabalho e do exercício da profissão³⁸.

³⁷ O lema dos Rotários traduz bem esse objectivo: "Dar de si antes de pensar em si".

³⁸ A este propósito transcrevemos alguns dos alvos a atingir por estas associações: promover "o reconhecimento de toda a ocupação útil e a difusão das normas de ética profissional"; promover "a melhoria da comunidade pela conduta exemplar dos seus membros" (*Rotários*); estimular "um elevado padrão de ética nos negócios e nas profissões, sem esperar recompensa material" (*Lions*).

Sendo facto incontestável que não existe qualquer tipo de correspondência entre a pertença religiosa dos indivíduos e a sua adesão a estas organizações³⁹, não podemos deixar aferir traços de similitude entre alguns dos objectivos citados e os princípios protestantes, referidos por Weber, de "considerar o cumprimento do dever no quadro da actividade temporal como acção moral elevada" (Idem: 53) e de encarar o lugar que o indivíduo ocupa na vida social e o cumprimento dos deveres que lhe são inerentes, como a sua "vocação". A transformação do mundo exigirá, deste modo, uma transformação ao nível de cada indivíduo.

Este esforço interpretativo só se justifica se o situarmos em termos da análise dos valores, que subjazem ao aparecimento destas associações, os quais não são passíveis de extrapolações (incautas) para o presente contexto sócio-cultural. O que importa fundamentalmente é centrarmo-nos na realidade concreta dos *Lions* e dos *Rotários de Leça da Palmeira e de Matosinhos*, procurando apreender as suas acções e o papel desempenhado na comunidade local.

Serviço à comunidade. Intervir localmente significa, para estas associações, actuar em dois pilares: o social e o cultural. Embora não se detectem divergências nos objectivos, convirá particularizar, algumas das iniciativas e dos projectos de cada um dos grupos entrevistados.

O *Rotary Club de Matosinhos*, fundado em 1982, tem desenvolvido uma actividade social intensa de apoio a instituições locais, como o Jardim Escola João de Deus e a Santa Casa da Misericórdia (a quem ofereceram uma cadeira de rodas). No âmbito dos seus planos para um futuro próximo está a construção, na Freguesia de Guifões de um Lar de Terceira Idade e de um Jardim Escola, em terreno cedido pela Câmara Municipal. A actividade cultural é mais restrita, consistindo na promoção de palestras e colóquios sobre temas diversos, por exemplo relacionados com o Ano Internacional da Tolerância, durante as suas reuniões semanais.

Este Clube apadrinhou o *Rotary Club de Leça da Palmeira*, que entrou em funcionamento em 1990. Culturalmente mais dinâmico, promoveu nas Escolas Preparatórias de Leça da Palmeira e de Lavra um Concurso Literário subordinado ao tema "Ano Internacional da Tolerância, 1995", um tipo de acção local com a finalidade de fomentar a interiorização de valores universais

³⁹ Estas organizações são, plano religioso, pluralistas e difundiram-se indiscriminadamente por todas as regiões do mundo, tendo alcançado sucesso em países católicos como o nosso.

"de tolerância e convivência pacífica". O Concurso de Desenho "Actue com integridade, sirva com amor, trabalhe pela paz", foi outra das suas iniciativas, também dirigida aos alunos da Escola Secundária da freguesia. Para este concurso, que deu origem a postais de Natal, seleccionaram o Tema Rotário 1995/1996, procurando "premiar a criatividade" dos jovens e, simultaneamente, os valores do ideário Rotário. A nível social têm prestado um apoio mais intenso à Terceira Idade do Centro Social e Paroquial de Santa Cruz do Bispo e de Leça da Palmeira, mobilizando-se cada um dentro da sua rede de influências de modo a diversificar os apoios.

Comum a estes dois clubes é a afirmação do pluralismo político-partidário e a ênfase num tipo de actuação discreto, ou seja, sem publicidade "daquilo que fazem", nem de "quem ajudam".

Dentro da mesma freguesia, o *Lions Club* surgiu mais cedo que a associação anterior, em 1976. Ao longo dos primeiros anos desenvolveram um tipo de intervenção marcadamente assistencial. O entrevistado recorda a forte mobilização deste e de outros clubes quando do terramoto nos Açores, em 1979: recolheram, dinheiro, medicamentos, roupas e alimentos que rapidamente foram enviados. Peditórios com vista à aquisição de máquinas de rastreio visual e auditivo e sensibilização dos organismos oficiais são outras acções a assinalar. A atribuição de bolsas de estudo a jovens, sem recursos mas capacitados é uma actividade com carácter permanente e prática comum a *Lions e Rotários*.

Através do discurso do membro do *Lions* vai sendo revelado uma diminuição da intensidade das actividades sociais. Por um lado, existe a percepção de que hoje não há tantas carências como outrora, por outro, o Estado passou a desempenhar funções assistencialistas que eles tinham a seu cargo, como a distribuição gratuita de leite nas escolas. Continuam a organizar palestras, mas o actual enfoque está na juventude. Neste campo foram pioneiros, criando o primeiro Clube Leo em Portugal. Movendo-se dentro de uma mesma filosofia, os jovens estão mais próximos das camadas estudantis podendo assim desenvolver trabalhos em áreas como a da prevenção da toxicod dependência. Para além disso e de carácter mais lúdico, há os campos de férias e os intercâmbios internacionais.

*Rotários e Lions. Homens*⁴⁰ de conduta pública e privada irrepreensível

⁴⁰ Nos últimos anos alguns clubes começaram a admitir mulheres, prática que não é comum no nosso país. Por cá a presença das mulheres só é permitida em certas reuniões e jantares, geralmente de carácter periódicos.

e com exercício profissional exemplar são as condições de eleição destes grupos de notáveis que colocam as suas vocações - no sentido weberiano do termo - ao serviço da comunidade e do mundo. Mas há algo mais que os distingue: a bandeira, o emblema, a saudação, os rituais.. a diferença tem uma visibilidade que é no seu limite física e material, por isso quase sacralizada.

Educação cívica e ético-religiosa.

Esta é a promessa proferida pelo escuteiro no dia em que definitivamente adere ao grupo. O Escutismo é um movimento especialmente destinado a crianças e a adolescentes que, do mesmo modo que a família e a escola, desempenha uma função socializadora complementar àquelas instituições. O Guidismo, surgido posteriormente, é uma reacção e uma versão feminina desse movimento. Retirar a juventude de uma certa "ociosidade", formar-lhe o carácter através do contacto com a natureza⁴¹ e inculcar-lhe valores que dessem um sentido à vida foram as motivações que levaram o inglês Baden Powel a criar o movimento que rapidamente se difundiu por diversos países.

Embora admitindo a pertença a diferentes credos religiosos, a fé é imposta pelo Guidismo e pelo Escutismo como condição necessária à entrada no grupo. Daí se compreenda a ligação do movimento à igreja, o que num plano local se traduz no envolvimento do grupo na vida da Paróquia e facto que se pode constatar na *2ª Companhia de Guias de Matosinhos e no Grupo 43 da Associação de Escuteiros de Portugal*.

A mística do escuteiro. Criado em 1974, o Grupo 43 reúne em Leça da Palmeira. No discurso do seu Chefe é exposto com clareza os dois pólos em que se move o escuteiro: *natureza e sociedade*. O ambiente é uma espécie de "princípio filosófico" na vida do escuteiro e a sociedade é o desafio que está do outro lado. Como resposta desenvolvem acções que possam ir ao encontro das necessidades dos outros, como a recolha de roupa e de vestuário, durante o Natal. Mas sociedade significa também cultura e, nessa medida, as artes, como o teatro e a música também fazem parte do seu quotidiano. São ainda referidas outras actividades de cariz lúdico-cultural: o "Jogo da Cidade", em que os elementos do Grupo partem à descoberta e à reconstituição histórica da cidade, as gincanas, a descida a grutas e o "Jambori no Ar", actividade de rádio amadorismo, que é apontada como um momento importante na vida do grupo. A vivência de tudo isto, ao longo de vários anos, vai criando aquilo que

⁴¹ Cfr. artigo de Margarida Mangerão "Palavra de escuta", no semanário *Já* de 26 de Maio de 1996

designam como "mística" do escuteiro, desenvolvendo dia a dia o espírito de liderança e de responsabilidade.

Guidismo é... autonomia, responsabilidade, solidariedade, protecção da natureza, espiritualidade, criatividade, serviço, sentido, crítico, tolerância, amizade, paz...são os princípios que orientam a 2^a *Companhia de Guias de Matosinhos* - também sediada em Leça da Palmeira - e as palavras que fazem parte de um folheto de divulgação das actividades do agrupamento. As suas reuniões são marcadas pela aprendizagem de um conjunto de conhecimentos - Primeiros Socorros, culinária, construções de madeira e normas ambientais, - indispensáveis ao momento culminante da vida do grupo que é o acampamento de fim de ano. Todas as actividades são delineadas em plena sintonia com as linhas gerais da AGP, sendo visível uma plena integração tanto nas realizações nacionais como em encontros internacionais com guias de outros países. Paralelamente participam em peditórios, campanhas para os "Sem Abrigo" e visitas a Lar de Idosos. Incentivar o trabalho voluntário é uma preocupação constante da líder da Companhia.

A abertura ao meio. Se identificámos elementos de ritualização nas associações de Rotários e de Lions, a visualização desses elementos será de longe mais notória entre escuteiros e guias. As fardas, os emblemas, os gritos e os totens das patrulhas, a linguagem, os ritos de passagem realizados durante um acto religioso definem a *tribo* e mereceriam ser objecto de análise antropológica. Não existem, todavia, indícios de secretismo nem o desejo de formação de uma elite⁴². Estes movimentos trabalham em colaboração estreita com as instituições de solidariedade social, com o Instituto Português de Juventude, com os órgãos autárquicos e, em especial, com a Igreja.

4. Dinâmicas culturais - alguns eixos de intervenção

Por último, recordamos os eixos fundamentais que nortearam a análise do tecido associativo de Matosinhos e de Leça da Palmeira bem como os principais traços que configuram as práticas das associações aí observadas.

Assim, do ponto de vista analítico, estiveram presentes três vectores fundamentais:

- *Cultura e culturas.* O entendimento de que a cultura é um conjunto

⁴² Convirá contudo lembrar que as actividades promovidas implicam gastos inacessíveis a crianças e a jovens oriundos dos grupos sócio-económicos mais desfavorecidos.

pluriforme de práticas, de símbolos e de sentidos. Todas as expressões culturais, devem ter, neste âmbito, legitimidade e visibilidade porque traduzem apropriações diferenciadas de um espaço e de um tempo.

- *Tranversalidade e abrangência.* No seguimento do ponto anterior, adoptámos, do ponto de vista analítico, uma metodologia transversal e abrangente, isto é, capaz de analisar a multiplicidade de expressões não as hierarquizando, recobrando-as de potencialidades múltiplas.
- *Dinamismo e imobilidade.* Porque também se trata de uma avaliação, procurámos enfatizar iniciativas portadoras de dinamismo cultural em contraponto a outras que não parecem detê-lo.

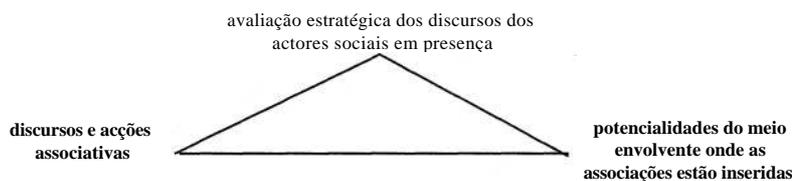
Passando ao plano da constatação empírica, uma reflexão que se pretenda sistemática sugere-nos, desde logo, existência de um tecido associativo diversificado e animado localmente por uma pluralidade de grupos sociais, revelador de um conjunto de identidades locais múltiplas. Tal facto não deixa de estar relacionado com o seu funcionamento institucional, por regra assente mais em agrupamentos do que em organizações formais propriamente ditas.

Um outro aspecto concerne à própria fragilidade do mundo associativo que gere um difícil equilíbrio entre, por um lado, inúmeras dificuldades de recursos (materiais e humanos) e, por outro, um razoável conjunto de potencialidades de intervenção. Na sequência disso, as associações são mais marcadas por uma estratégia de sobrevivência quotidiana do que por uma estratégia sustentada de inovação e de mudança.

Finalmente, seria interessante salientar a importância do associativismo como interlocutor privilegiado de uma sociedade civil que se quer cada vez mais activa e participante.

Obedecendo a esta lógica, eventuais pistas de intervenção deverão ser situadas no cruzamento triangular das seguintes perspectivas:

Tudo o que fizemos foi fundamentado num *exercício interpretativo* acerca dos estrangulamentos e potencialidades reveladas nos discursos dos actores. Esta orientação seguiu de perto a perspectiva de Madureira Pinto,



quando afirma que: "Assumir o movimento associativo, não como adorno da democracia ou prolongamento instrumentalizado do poder administrativo, mas como interlocutor privilegiado e um agente dinâmico da concepção, execução e avaliação das intervenções culturais na cidade, e em particular nos espaços públicos, parece ser a atitude que, nesta matéria, melhor se compatibiliza com uma política simultaneamente voluntarista e não dirigista de democratização cultural" (Pinto, 1995: 204).

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Pedro de (1993), "Sociologia da viagem: o quotidiano e os seus inter-trajectos" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 37.
- AZEVEDO, Joaquim (1994), *Avenidas de Liberdade - reflexões sobre política educativa*, Porto, Edições ASA.
- BARTHES, Roland (1981), *O grau zero da escrita*, Lisboa, Edições 70.
- BATISTA, João S., PIRES, Rui Pena (1990), "Barbárie e civilização - o desporto nas sociedades modernas" in *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século - Actas do I Congresso Português de Sociologia*, vol. II, Lisboa, Ed. Fragmentos.
- CERTEAU, Michel (1984), *UInvention du quotidien - arts defaire I*, Paris, UGE.
- CORDEIRO, José Manuel Lopes (1989), *A indústria conserveira em Matosinhos: exposição de arqueologia industrial*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos.
- DURKHEIM, Émile (1989), *A divisão social do trabalho*, Lisboa, Presença.
- ELIOU, Marie (1979), "Érosion et permanence de l'identité culturelle" in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXVI.
- ESTANQUE, Elísio (1995), "O lazer e a cultura popular, entre a regulação e a transgressão: um estudo de caso" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 43.
- FERNANDES, A. Teixeira (1993), "Poder autárquico e poderes difusos" in *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, nº 3.
- FERREIRA, A. Fonseca (1987), *Por uma nova política de habitação*, Porto, Ed. Afrontamento.
- FORTUNA, Carlos (1995), "As cidades e as identidades: patrimónios, memórias e narrativas sociais" in SANTOS, Maria de Lourdes Lima(coord.), *Cultura & Economia*, Lisboa, I.C.S..
- GIDDENS, Anthony (1990), *The consequences ofmodernity*, Cambridge, Polity Press.
- GUERRA, Isabel (1994), "As pessoas não são coisas que se metam em gavetas", in *Sociedade e Território*, nº 20.
- GUERRA, Paula (1992), "Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade?", in *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, nº 2.
- GUERRA, Paula (2000), "Recomposição do tecido urbano portuense - o Bairro Cerco do Porto enquanto espaço de análise" in *Actas do III Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia.

- HABERMAS, Jürgen (1987), *Théorie de Vagir communicationnel*, vol. II, Paris, Fayard.
- LEFÈBVRE, Henri (1968 e 1972), *Le droit à la ville*, Paris, Ed. Anthropos.
- LIMA, Alexandra Cerveira Pinto, GOMES, Paulo Dordio, ARAÚJO, Manuel (1996), *A casa de Santiago em Vila Franca - Leça da Palmeira no final do século XIX*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos/ Ed. Afrontamento.
- MEHL, Dominique (1982), "Culture et action associatives" in *Sociologie du Travail*, n° 1.
- MEISTER, Albert (1972), *Vers une sociologie des associations*, Paris, Ed. Ouvrières.
- PACHECO, Helder (1986), *O grande Porto*, Lisboa, Ed. Presença. PAIS, José Machado (coord.) (1994), *Práticas culturais dos lisboetas*, Lisboa, ICS.
- PALHEIROS, Graça Boal (1993), *Educação musical no ensino preparatório - uma avaliação do currículo*, Lisboa, APEM.
- PEIXOTO, João (1990), "O elogio da cidade" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 30.
- PINÇON-CHARLOT, Monique; PRETECEILLE, Edmond; RENDU, Paul (1986), *Ségrégation urbaine*, Paris, Ed. Anthropos.
- PINTO, José Madureira (1991), "Considerações sobre a produção social de identidade" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 32.
- PINTO, José Madureira (1995), "Intervenção cultural em espaços públicos", in SANTOS, Maria de Lourdes Lima (coord.) in *Cultura & Economia*, Lisboa, I.C.S..
- RAMBAUD, Placide (1969), *Société rurale et urbanisation*, Paris, Ed. Seuil.
- RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane (1994), *Cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto, Ed. Afrontamento.
- RODRIGUES, Eduardo (1993), *O associativismo, poder político e poderes difusos*, Seminário de Investigação (5º ano da licenciatura de Sociologia), Porto, FLUP, documento policopiado.
- RONCAYOLO, Mareei (1990), *La Ville et ses territoires*, Paris, Ed. Gallimard.
- SALGUEIRO, Teresa Barata (1992), *A cidade em Portugal*, Porto, Ed. Afrontamento.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1993), "Cultura, tempos livres e associativismo juvenil" in *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*, Actas do II Congresso Português de Sociologia, vol. II, Lisboa, Ed. Fragmentos.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1995), "E a cultura como vai?..." in *Portugal hoje*, Lisboa, Instituto Nacional de Administração.
- SILVA, Augusto Santos; VILAÇA, Helena (1990), *Searas de Jeremias*, Porto, CRAT.
- SILVA, Augusto Santos; JORGE, Vítor Oliveira (orgs.)(1993), *Existe uma cultura portuguesa?*, Porto, Ed. Afrontamento.
- SILVA, Augusto Santos (1994a), *Tempos cruzados - um estudo interpretativo da cultura popular*, Porto, Ed. Afrontamento.
- SILVA, Augusto Santos (1994b), "O jogo indeciso entre símbolos, práticas e políticas culturais" in *Dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento local* (Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia), Lisboa, APS/O Canto da Página.
- SILVA, Augusto Santos (1995), "Políticas culturais municipais e animação do espaço urbano.

Helena Vilaça, Paula Guerra

Uma análise de seis cidades portuguesas" in SANTOS, Maria de Lourdes Lima(coord.), in *Cultura & Economia*, Lisboa, I.C.S..

SILLS, David (1972), " Voluntary Associations" in *International Encyclopedia of the Social Sciences*, Nova Iorque, The MacMillan Company and the Free Press.

SIMMEL, Georg (1967), "Metrópole e vida mental" in Octávio Velho (org.), *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar Ed..

SOBRAL, José Manuel(1995), Memória e identidades sociais - dados de um estudo de caso no espaço rural" in *Análise Social*, nº 131/132, vol. XXX.

TAVARES, David; JOAQUIM, Graça(1993), "Identidade e relações de sociabilidade na área do Castelo" in *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*, Actas do II Congresso Português de Sociologia, vol. II, Lisboa, Ed. Fragmentos.

TOCQUEVILLE, Alexis (1982), *De la démocratie en Amérique*, Paris, Ed. Flammarion.

VEEGAS, José Manuel (1986), "Associativismo e dinâmica cultural" in *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 1.

VILAÇA, Helena (1993), "Território e identidades na problemática dos movimentos sociais: algumas propostas de pesquisa", in *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, nº 3.

VILAÇA, Helena (1994), *Associativismo e Movimentos Sociais. Modalidades de Participação*, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Porto, FLUP, tese policopiada.

WEBER, Max (1983), *Ética protestante e espírito do capitalismo*, Lisboa, Presença.

Outras Fontes Documentais

Brochura de apresentação da Associação de Guias de Portugal.

Brochura de apresentação das Freguesias do Concelho (s/ data), Matosinhos - actualidades regionais.

Brochura de apresentação do Rancho Típico da Amorosa, 1990.

Câmara Municipal de Matosinhos (1988), *1ª Feira Matosinhos e o Desporto - organismos desportivos do concelho.*

Câmara Municipal de Matosinhos (1991), *DEZ MUNDOS - Jornal de Informação Interassociativo*, Ano I, nº 2.

Câmara Municipal de Matosinhos (1991), *DEZ MUNDOS - Jornal de Informação Interassociativo*, Ano I, nº 3.

Câmara Municipal de Matosinhos (1991), *DEZ MUNDOS - Jornal de Informação Interassociativo*, AnoII, nº 4.

CLETO, Joel (1993), "O Senhor de Matosinhos: da lenda à realidade" in *Matosinhos - Revista Municipal*, nº 1.

CLETO, Joel (1995), *Senhor de Matosinhos: lenda - história -património*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos/Comissão de Festas do Senhor de Matosinhos.

DoAaoD, Jornal da C.H.E. "Gente do Amanhã", nº 0, 1995. 128

- FELGUEIRAS, Guilherme (1958), *Monografia de Matosinhos*, Lisboa, Ed. do Autor.
- Folha Informativa do Rotary Clube de Leça da Palmeira*, n° 240 30/10/1995. INE, *Estatísticas Industriais*, 1987. INE, *Recenseamento Geral da População*, 1991.
- LAGE, Maria Otília (1990), "A dança... vê-se", in *Brochura de Apresentação do Rancho Típico da Amorosa*, Rancho Típico da Amorosa.
- Matosinhos - Revista*, n° 1, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1993.
- Matosinhos - Revista*, n° 2, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1993.
- Matosinhos - Revista*, n° 3, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1993.
- Matosinhos - Revista*, n° 5, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1994.
- Matosinhos - Revista*, n° 8, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1995.
- Matosinhos - Revista*, n° 9, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1995.
- Matosinhos - Revista*, n° 11, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1996.
- Portugal Rotário*, Revista Regional Oficial do Rotary International, n°72, Janeiro/Fevereiro 1996.
- Programas de Festas da Escola de Música e Bailado de Matosinhos*, de 1992 e de 1996.
- Rotary World* (edição em português), Setembro/Outubro 1995.
- Rotary World* (edição em português), Novembro/Dezembro 1995.
- Semana Cultural de Matosinhos*, Porto, Livraria Leitura, Dezembro de 1995.
- Semanário Já*, 23 de Maio de 1996.
- SOUSA, Sílvia(1988), *Monografia do Orfeão de Matosinhos*, Matosinhos, Orfeão de Matosinhos, documento policopiado.
- Vozes*, 1995 *Boletim trimestral de Informação do Conselho Consultivo da Juventude*, n° 1, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos.